Lurdes Bertol Rocha
Elisabete Moreira

A Cidade em tela

Itabuna e Walter Moreira

Editora da UESC

A Cidade em tela

Itabuna e Walter Moreira

Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Jaques Wagner - Governador

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Osvaldo Barreto Filho - Secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Antonio Joaquim Bastos da Silva - Reitor
Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - Vice-Reitora

DIRETORA DA EDITUS
Maria Luiza Nora

Conselho Editorial:
Maria Luiza Nora – Presidente
Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro
Antônio Roberto da Paixão Ribeiro
Dorival de Freitas
Fernando Rios do Nascimento
Jaênes Miranda Alves
Jorge Octavio Alves Moreno
Lino Arnulfo Vieira Cintra
Maria Laura Oliveira Gomes
Marcelo Schramm Mielke
Marileide Santos Oliveira
Paulo César Pontes Fraga
Raimunda Alves Moreira de Assis
Ricardo Matos Santana

Lurdes Bertol Rocha
Elisabete Moreira

A Cidade em tela

Itabuna e Walter Moreira

Editora da UESC

Ilhéus - Bahia
2010

©2010 by Lurdes Bertol Rocha
Elisabete Moreira

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
http://www.uesc.br/editora e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Alencar Júnior
Ilustração da capa
Canoeiros do rio Cachoeira (pescadores e areeiros),
Óleo sobre tela de Walter Moreira (pintado em 1991).

REVISÃO
Maria Luiza Nora

FOTOS
Marcos Mauricio e Geraldo Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R672 Rocha, Lurdes Bertol.
A cidade em tela : Itabuna e Walter Moreira / Lurdes Bertol Rocha, Elisabete Moreira. – Ilhéus : Editus, 2010.
137p. : il.

ISBN: 978-85-7455-201-9

1. Itabuna (BA) – História. 2. Moreira, Walter – 1915-1999 – Biografia. 3. Geografia urbana – Itabuna (BA). I. Moreira, Elisabete. II. Título.

CDD – 981.426

Ficha catalográfica: Silvana Reis Cerqueira - CRB5/1122

Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? [...] É janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento [...]. Ó admirável necessidade! Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo? [...] O espírito do pintor deve fazer-se semelhante a um espelho que adota a cor do que olha e se enche de tantas imagens quantas coisas tiver diante de si.

Leonardo da Vinci

AGRADECIMENTOS

Nossa vida deveria ser um eterno agradecer pelas oportunidades que nos são oferecidas constantemente. Nem sempre as percebemos. O Cósmico está sempre conspirando a nosso favor. É uma questão de percepção. Por isso, para que essas oportunidades nunca me fujam ou me passem despercebidas, sinto-me impelida a agradecer:

- A Deus, pela presença constante.
- À minha família, pela cumplicidade.
- À UESC, EDITUS, ASCOM pelo apoio e incentivo.
- A Walter Moreira, já em outros espaços, pintando novas paisagens e fazendo novos poemas, pela beleza registrada em suas telas.
- Aos fotógrafos Geraldo Borges (foto das telas), Marcos Maurício (fotos das paisagens relacionadas às telas).
- Às ex-estagiárias do Lahige, Caroline Mororó e Tereza Torzani, pela aplicação de questionários e entrevistas.
- Aos moradores mais antigos de Itabuna que se dispuseram a colaborar respondendo questionários e concedendo entrevistas.

AUTORAS

Lurdes Bertol Rocha
Professora de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), Ilhéus, Bahia. Graduada em Ciências Sociais pela Fafito (MG); especialização, *lato sensu,* em Geografia Humana pela Fafito e Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Uesc; Mestrado em Geografia pela UFBA; Doutorado em Geografia pela UFS. Autora de: Iniciação à Linguagem Cartográfica; O centro da cidade de Itabuna: trajetória, signos e significados; De Tabocas a Itabuna – um estudo histórico-geográfico (co-autora); A região cacaueira da Bahia – dos coronéis à vassoura-de-bruxa: saga, percepção e representação; artigos publicados em revistas, anais e capítulos de livros.

Elisabete Maria Moreira de Tassis
Professora de Língua Portuguesa, graduada em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), Ilhéus, Bahia. Bacharela em Direito pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), Itabuna, Bahia. Especializações, *lato sensu,* em Leitura e Produção Textual, pela Uesc, e em Direito do Trabalho e Direito Processual do Trabalho pela Faculdade de Direito Professor Damásio de Jesus, São Paulo.

APRESENTAÇÃO

O mundo, em nossos dias, entra em nossa casa, em nossas vidas ao simples toque de um botão ou de um comando. Isso nos faz cidadãos do mundo? Mas, e o que é ser cidadão do mundo? É conhecê-lo, partilhar de seus problemas, tentar resolvê-los? Em qualquer lugar que estivermos podemos nos conectar com o mundo. Mas esse fato é a realidade de todos? Se prestarmos atenção descobriremos que muitos mundos se superpõem: o da Pré-História para os aborígines que vivem em seu mundo particular, que se comunicam com seus pares através de ruídos e signos que só eles sabem decifrar, que se alimentam do que colhem na natureza ou de uma agricultura primitiva, da caça e da pesca, que cultuam os deuses da natureza; o da Idade Antiga, representado pelos povos que vivem em condições precárias para os padrões atuais, sem energia elétrica, sem meios de comunicação a não ser o cavalo, o rio, a picada no meio da floresta ou a estrada de chão que mais se assemelha a uma trilha; o da Idade Média, envolto em ideias religiosas radicais, que não admite outras formas de acreditar em um Ser Superior a não ser o seu; o da Idade Moderna, que começa a descobrir que o mundo é maior do que o quintal de sua casa;

o Contemporâneo, movido por comandos à distância até para destruir outros seres humanos e o que eles construíram ao longo de milênios.

Cada um desses grupos tem uma forma peculiar de perceber o espaço em que viveu ou vive, pois a percepção espacial faz parte de um complexo de imagens que o homem faz do mundo que o cerca. Essa percepção é afetada por diversas variáveis: o condicionamento cultural, o meio social, as atitudes políticas e as motivações ideológicas. E essa percepção foi registrada para a posteridade através de figuras rupestres, registro em lascas de pedras, em peles de carneiro, papiros, telas, livros, entre outros.

Walter Moreira, cidadão do mundo, representou, principalmente em telas, seu lugar de acordo com sua percepção, com imagens que ficaram registradas em sua memória. Foi a partir dessa percepção que ele deixou um legado histórico que permitiu uma viagem de revisão pela história da ocupação do espaço da que é hoje a cidade de Itabuna. Suas telas falam, contam um passado que foi se modificando ao longo do tempo, e que fotografias atuais, dos espaços retratados pelo artista, pretendem dar continuidade ao registro dessa história.

Este livro é o resultado de um projeto de pesquisa da professora Lurdes Bertol Rocha, vinculado ao núcleo do Laboratório de Ensino em História e Geografia (LAHIGE)/UESC, que tem como uma de suas linhas de ação a produção sobre temas regionais. A elaboração do livro teve participação importante de Elisabete Moreira, filha de Walter Moreira, sem a qual seria impossível o acesso ao acervo do artista, tais como telas,

desenhos, documentos, fotos, escritos, enfim, entender a vida e obra de quem realmente viveu a cidade e a colocou em tela. Além disso, Elisabete acompanhou todo o trabalho de campo a fim de registrar com fidelidade os espaços atuais correspondentes às cenas pintadas pelo pai.

As telas utilizadas foram as que se encontram sob a guarda da filha Elizabeth, visto que sua produção foi grande, porém, à medida que eram feitas, muitas vezes sob encomenda, eram vendidas, estando, portanto, dispersas. O caso da tela da Praça Adami, pintada em 1929, quando o artista tinha apenas 14 anos, revelando a precocidade do talento, foi adquirida pela filha de terceiros, pois percebeu a importância e a beleza da imagem da Praça registrada pelo pincel do artista. As lacunas que aparecem na história de Itabuna, neste livro, devem-se à falta dessas telas, as quais não foram possíveis localizar. A seguir, um quadro síntese das telas pertencentes ao acervo de Elisabete Moreira constantes deste trabalho, dará uma ideia do material produzido e espalhado pelo mundo afora.

Ano de pintura das telas	**Número de telas no livro**	**Temática/título**
1929	1	Praça Adame
1953	1	Vendedor ambulante de produtos da roça
1955	1	Entregador de leite
1972	1	Jovem índia
1976	2	Alto Maron e Morro do São Caetano Ribeirão Lava-Pés
1983	1	Primeiras tabocas
1986	1	Rio Icó

Ano de pintura das telas	Número de telas no livro	Temática/título
1988	1	Frutos do nosso chão: o cacau, a jaca
1989	2	Vaqueiro conduzindo a manada Glorificação à baiana itabunense
1990	4	Rio Cachoeira-Mutucugê/Morro dos Canecos Ilha do Jegue na enchente de 1920 Meninos comendo frutas Infância
1991	4	Rua da Areia Aguadeiros do Rio Cachoeira Lavadeiras do Rio Cachoeira Canoeiros do Rio Cachoeira (pescadores e areeiros)
1996	2	O palhaço e a garotada
1997	2	Rua da Taboquinha Pisoteio do cacau

O título, **Itabuna em tela**, justifica-se por dois motivos: a) a cidade de Itabuna em foco, em discussão, sendo apresentada através de parte de sua história; b) a cidade de Itabuna a partir das cenas apresentadas e representadas nas telas do artista.

O livro pretende oferecer a oportunidade de ver Itabuna sob um outro olhar, o olhar de um artista, e comparar as imagens das telas com sua realidade, hoje. Mergulhar no seu passado para compreender seu processo de construção, sua economia, sua cultura, seu caminhar em direção a um futuro de prosperidade material, espiritual, intelectual. Compreender

que recebemos uma cidade já construída, porém não pronta. Formar a consciência de que cada ator social, no seu fazer cotidiano, é responsável por melhores momentos, mas, também, pelos piores.

No primeiro capítulo é feita a introdução do livro, dando conta de como a pesquisa foi executada e apresenta os objetivos.

No capítulo 2 são apresentadas ao leitor a vida e as obras de Walter Moreira.

A cidade de Itabuna, palco da vida e obra do personagem real deste livro, apresenta-se no capítulo 3, vestida em sua geografia e história, e dá-se a conhecer a seus leitores que pretendem entrar em suas entranhas e entendê-la melhor.

No capítulo 4, a cidade de Itabuna desfila nas telas de Walter Moreira e nas fotografias atuais das paisagens por ele representadas, levando o leitor a viajar no tempo-espaço e, quiçá, descobrir-se como personagem do passado, do presente ou do futuro, contribuindo, de alguma forma, na construção do que foi, do que é ou do que virá a ser esta cidade.

Uma história no espaço-tempo não se esvai, pois fica registrada nas paisagens que permanecem e vão se transformando, acumulando objetos, épocas, fazeres, maneiras de pensar e agir, de forma a se constituir numa biblioteca viva a ser desvendada pelos que vão chegando, ficando, indo embora. Esta foi a reflexão que se tentou passar no curto capítulo 5, pois há muito ainda que construir e escrever.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....17

2 ITABUNA – ASPECTOS GERAIS DE SUA HISTÓRIA E SUA GEOGRAFIA.....23

2.1 Registro de nascimento: estórias e fundadores.....25

2.2 Breves aspectos geográficos..... 41

3 WALTER MOREIRA: SUA VIDA. SUA OBRA..... 47

4 ITABUNA NAS TELAS DE WALTER MOREIRA: IMAGENS QUE FALAM.....71

4.1 A cidade de Itabuna: ruas, praças, cotidiano.....73

4.1.1 Rua da Taboquinha.....75

4.1.2 Rua da Areia 77

4.1.3 Alto Maron e Morro São Caetano 78

4.1.4 Praça Adami (sentido Cinqüentenário)... 80

4.1.5 Ribeirão Lava-pés.....83

4.2 Rio Cachoeira.....89

4.2.1 Rio Cachoeira – Mutucugê/Morro dos Canecos 91

4.2.2 Ilha do Jegue.....92

4.2.3 Homenagem ao rio Cachoeira 95

4.3 Cenas do cotidiano da vida rural e da cidade 101
4.3.1 Primeiras tabocas 101
4.3.2 Ribeirão Icó 102
4.3.3 Frutos do nosso chão: o cacau, a jaca ... 103
4.3.4 Pisoteio do cacau 105
4.3.5 Vaqueiro conduzindo a manada 108
4.3.6 Aguadeiros do rio Cachoeira 112
4.3.7 Lavadeiras do rio Cachoeira 114
4.3.8 Canoeiros do rio Cachoeira (pescadores e areeiros) 116
4.3.9 Entregador de leite 118
4.3.10 Vendedor ambulante de produtos da roça 118

4.4 Personagens 121
4.4.1 Jovem índia 121
4.4.2 Glorificação à baiana itabunense 123
4.4.3 Meninos comendo frutos da terra 124
4.4.4 A infância 127
4.4.5 O palhaço e a garotada 127

5 E A VIDA NA CIDADE CONTINUA 131

REFERÊNCIAS 133

1 Introdução

Nosso mundo é um mundo de pensamento lógico, mas também um mundo de emoções, de sentimentos e de percepções intuitivas. O ser humano não apenas pensa. Vivencia. É racional e não-racional, um ser binário em todos os sentidos, uma síntese de opostos conflitantes. Yi-Fu Tuan (1980, 1983) estuda a organização do espaço pela ótica da percepção, da vivência do cotidiano, da significação dos signos. Analisa as diferentes maneiras das pessoas sentirem o espaço e o lugar e mostra como o homem, que está, ao mesmo tempo, no plano do animal, da fantasia e do cálculo, experiencia e entende o mundo. Sendra *et al* (1992) procuram mostrar que os lugares geográficos não estão somente fora das pessoas, mas se encontram também em suas mentes, e que "explorar a existência mental dos lugares geográficos com todas as características que os distinguem é um objetivo próprio da geografia da percepção" (p. 8). Segundo Santos (1997, p. 2), "cada lugar está sempre modificando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas". Tendo em vista estes paradigmas pretende-se revisar a histó-

ria da formação e da evolução do espaço urbano de Itabuna, através do texto não-verbal impresso nas imagens registradas pelas tintas nas telas de Walter Moreira.

Este livro propõe-se registrar a história e a geografia de Itabuna tendo como ponto de partida as imagens das telas do artista plástico itabunense e também poeta Walter Moreira (1915-1999). Através delas, pretende-se revisitar a luz, a cor, o social, o cotidiano da gente da terra grapiúna; a Itabuna do início do século XX com suas feiras, suas praças, suas ruas; o rio Cachoeira com suas enchentes, suas lavadeiras, seus aguadeiros. Registrar, em linguagem verbal, a partir da linguagem não-verbal das imagens, seguido de pesquisa em outros documentos e/ou de campo, a história e a organização espacial das primeiras buraras, do cacau, do trabalhador rural, das atividades pecuárias, como o caso da boiada levantando poeira na estrada. Através dessas imagens, resgatar o corpo e a alma da terra grapiúna; resgatar sua história, sua geografia, a fim de que a geração atual e as gerações que vierem possam perceber como foi o cotidiano dos que os antecederam, seu espaço geográfico, sua evolução e seu legado.

Os fatos e os feitos da cidade saíram da imaginação e do imaginário registrado pelo tempo na mente deste artista direto para as telas, com grande capacidade de síntese e realismo. Suas telas constituem-se em textos fascinantes, cujas imagens falam por si do cotidiano, da vida social, da vida rural, das atividades econômicas, do lúdico, dos costumes, do trabalho do homem comum.

O objetivo deste livro é, portanto, mostrar, através de outras fontes que não as convencionais, a história e a geografia da cidade de Itabuna, principalmente através das imagens das telas de Walter Moreira. Para alcançar esse fim foi necessário analisar a evolução da organização espacial e histórica da população e das atividades sócio-econômico-culturais de Itabuna; identificar os principais fatos que compuseram a história da cidade; revisitar as paisagens que compunham o espaço geográfico da cidade de Itabuna do início do século XX e mostrar a evolução na ocupação de seu espaço. Foram utilizadas fotografias das telas de Walter Moreira que se referem à Itabuna antiga (décadas de 1920 a 1960). Cada imagem foi historiada a partir da evolução e utilização do espaço, representado através de pesquisa na literatura regional, jornais da época, mapas, fotografias antigas, entrevista com a filha do artista, Elisabete Moreira, e moradores mais antigos, que conheceram aqueles espaços representados.

Esta forma de trabalhar a geografia de Itabuna foi possível porque, a partir dos anos 1970, os geógrafos começaram um movimento de "reação ao positivismo lógico, à quantificação exagerada e às explicações mecanicistas, reducionistas de uma geografia sem homem" (POCOCK, apud GOMES, 1996, p. 306). Um dos pressupostos desta Geografia, chamada de Geografia Humanista, é a relação que deve haver entre a ciência e a arte. Por esse pressuposto, o geógrafo deve ser capaz de reunir o maior número possível de elementos "que tratam dos valores, das significações e das associações constituídas por um grupo social" (GOMES, 1996, p. 314). Em sendo assim, a arte é, cer-

tamente, o meio mais livre e mais espontâneo deste tipo de manifestação.

Para essa finalidade foram realizadas algumas tarefas, tais como:

- Seleção das telas sobre Itabuna constantes do acervo de Elisabete Moreira, consideradas as mais significativas por representarem momentos marcantes de sua história, da ocupação de seu espaço e das cenas do cotidiano. Das inúmeras telas que fazem parte do acervo do artista foram escolhidas aquelas que dizem respeito à região cacaueira e, em especial, à Itabuna.
- Fotografias atuais dos lugares impressos nas telas. Cada imagem registrada em fotos, referentes às telas, foi acompanhada por Elizabete Moreira, filha do artista, que esteve presente na vida do pai durante os momentos de escolha do tema e do local a ser representado.
- Pesquisa em jornais e literatura regionais que se relacionam aos locais representados nas telas.
- Aplicação de entrevistas e questionários a moradores antigos desses locais.

Com este livro, acredita-se oferecer, à população em geral, a oportunidade de conhecer a cidade em que mora, de mergulhar no seu passado para compreender seu processo de construção, sua economia, sua cultura, seu caminhar em direção a um futuro de prosperidade material, espiritual, intelectual. Compreender

que recebemos uma cidade já construída, porém não estática ou cristalizada, mas sempre em processo de mudanças, passível de outros olhares, outras interpretações. Formar a consciência de que cada ator social, no seu fazer cotidiano, será responsável por melhores momentos, mas, também, por piores.

A história/memória de uma cidade fica impressa em suas paisagens formadas por ruas, prédios, praças, muros, residências, postes, fios, jardins, pontes, indústrias, escolas. E se expressa nos falares de seus escritores, poetas, políticos, artistas, por seus habitantes como um todo. Itabuna teve registrados, de forma indelével, seu cotidiano, seu movimento, enfim, sua vida, nas telas de Walter Moreira, como um poema eterno de amor por sua cidade.

Walter Moreira fez a sua parte, amando profundamente Itabuna, pois ela representava sua casa, seu lugar. Sua contribuição foi registrar da melhor forma que ele sabia fazer, através das telas, da poesia, da heráldica, do registro em desenhos dos detalhes orgânicos do cacau, dos órgãos internos das pessoas nas cirurgias efetuadas pelo médico Alício Peltier de Queiroz. Enfim, registrou o cotidiano da gente grapiúna.

2. ITABUNA – ASPECTOS GERAIS DE SUA HISTÓRIA E SUA GEOGRAFIA

No início era a capitania dos Ilhéus, cujas terras faziam parte das doações feitas por D. João III, rei de Portugal, a Jorge de Figueiredo Correia, na primeira metade do século XVI. Os habitantes dessas áreas eram os índios Aimoré, Pataxó, Camacã, entre as tribos mais importantes. Esses índios, tentando manter suas terras e seus valores culturais, constantemente atacavam as vilas da região, principalmente as de Porto Seguro e Ilhéus que faziam parte da Capitania. Para coibir os conflitos, o Governador Geral, Dom Diogo Monteiro, enviou de Salvador um grupo de índios Potiguar, já apaziguado, para combater os Aimoré, que eram os mais belicosos.

A economia regional, à época, iniciou-se pelo cultivo da cana-de-açúcar e a instalação de alguns engenhos, da produção de mandioca para sua transformação em farinha e cultivos de subsistência. Contudo, a partir de 1746, a lavoura mais importante para a economia da região foi a do cacau, depois que o francês Luiz Fréderic Warneaux trouxe as primeiras sementes do Pará. Os plantios iniciais são atribuídos a Antônio Dias Ribeiro, em Canavieiras. Em pouco tempo (1752) a cultura do cacau atingiu Ilhéus, seguindo

depois para Belmonte, Itabuna, Barra do Rio de Contas, Porto Seguro, Prado, Caravelas, entre outras localidades. Dentre as primeiras áreas que passaram a cultivar o cacau, Ilhéus foi a que teve mais sucesso, com o plantio ao longo do rio Cachoeira. Esta cultura passou a sobrepujar as outras, tais como a cana-de-açúcar, o algodão, o fumo, o arroz, o milho e o café. Já em 1924, Ilhéus ocupava o segundo lugar na produção mundial de cacau (COSTA, 1992, p. 11-13). Começava assim a formação da região cacaueira, a qual passaria por grandes momentos de produção e riqueza e outros de crise profunda, com baixa produção, preços aviltantes, trazendo desequilíbrio às finanças pública e privada, gerando pobreza, desemprego e caos. A maior crise ocorreu a partir de 1989, com a chegada da vassoura-de-bruxa, causada pelo fungo C*rinipellis Perniciosa*. A vassoura-de-bruxa é uma enfermidade do cacaueiro, natural da região amazônica. Sob condições favoráveis de calor e umidade, o fungo se desenvolve rapidamente, atacando e destruindo mais de 90% dos frutos.

Com essa última crise, o desemprego na zona rural aumentou e, em consequência, os trabalhadores buscaram abrigo nas cidades regionais, principalmente Itabuna e Ilhéus, expandindo a periferia, onde a miséria passou a fazer parte da vida de muita gente. Alternativas foram tentadas para minimizar o impacto da crise, através da diversificação das culturas, instalação de novas indústrias, intensificação do comércio. A clonagem do cacau passou a ser uma constante nas roças de cacau no intuito de reativar sua produção e ajudar a reerguer a economia regional.

2.1 Registro de nascimento: estórias e fundadores

Em 1849, cortado pelo Rio Cachoeira e no meio da mata que começava a ser desbravada, teve início a formação de um arraial chamado de Tabocas (hoje Itabuna), cujo nome, de acordo com a tradição, teria se originado de uma disputa para derrubar um jequitibá, o qual seria o "pau da taboca", ou seja, o pau da roça que, a partir daquele feito, teria seu início. Segundo Silveira (2002, p. 1), Itabuna começou pela *Villa das Árvores Ferradas*, hoje simplesmente Ferradas. Após a vila de São Jorge dos Ilhéus, esta localidade teria sido um dos mais antigos lugares da Capitania de Ilhéus. Os frades capuchinhos, em número de três, ali se instalaram, à margem do rio Cachoeira, com a missão de catequizar os índios, a fim de apaziguá-los, por ordem do donatário Jorge Figueiredo Correia. Para assinalar sua passagem, os frades imprimiram uma cruz numa sapucaia ali existente com um ferro em brasa. Esta marca, além de se constituir num símbolo de sua presença, era também uma advertência aos catequizadores para que não se afastassem daquele ponto, atravessando o rio, "pois os índios estavam localizados na serra do Jequitibá do Macuco. [...] Aquele pau ferrado serviu para frei Ludovico de Livorno (italiano) iniciar a catequese quando veio substituir seus antigos antecessores, daí o nome Árvore Ferrada" (COSTA, 1995, p. 47). Mais tarde o nome do lugarejo passou a ser, simplesmente, Ferradas e teria sido aí o início da formação de Tabocas, futura Itabuna, segundo este autor e personagem da formação e crescimento deste lugar. Gonçalves

(1960, p. 104) traz um registro significativo de um personagem de renome mundial nascido neste lugarejo:

> No arraial de Ferradas (1º distrito de Itabuna), logo à entrada deste, há uma nesga de terra entre o rio Cachoeira e o ribeirão denominado de Sucuruiuba e Rabo da Cobra: neste local estava edificada uma casa residencial de duas janelas e uma porta de frente pintadas de azul e envidraçadas; as paredes caiadas, tendo roda-pé de roxo-terra. Nesta casa residia João Amado de Faria e onde nasceu (1912) seu filho JORGE AMADO, hoje um dos maiores romancistas brasileiros.

O arraial de Tabocas tornou-se a sede do terceiro distrito de Ilhéus. Os primeiros colonizadores destas terras foram famílias tangidas pela Guerra de Canudos (1896) e pela seca que assolava o sertão (a guerra de Canudos ou Insurreição de Canudos durou de 1893 a 1897 no interior da Bahia. Este episódio deu origem a um dos clássicos da literatura brasileira, o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e inspirou o filme de longa-metragem, *Canudos*, de Sérgio Rezende, entre outros filmes).

Terminada a guerra, e com a continuidade da seca, o governador da Bahia achou por bem oferecer passagem grátis e ração de carne com farinha a quem quisesse se transferir para o sul do estado, de preferência para Ilhéus, onde havia muitas terras devolutas do Estado, com rios caudalosos, muitos peixes e caça. Esta propaganda e a ração que era distribuída trouxeram esperanças para essas pessoas. "Como um bando de aves que migra, eles correram para os pontos de embarque" (COSTA, 1995, p. 14).

Este autor, José Pereira da Costa, fez parte desse grupo e dá seu testemunho no livro que escreveu "Ter-

ra, suor e sangue: lembranças do passado. História da região cacaueira", e que foi publicado postumamente por seus filhos (ele morreu em 7 de abril de 1986, com 94 anos de idade). Conforme seu relato, ele era oriundo da Vila Nova da Rainha, hoje cidade do Senhor do Bonfim. Com sua família aportou em Ilhéus em três de outubro de 1897, em companhia "de 17 pessoas adultas e três menores, motivado pela seca que assolava aquela região baiana, como também pelas funestas consequências da Guerra dos Canudos" (p. 27).

O povoado de Tabocas nasceu a partir de uma abertura feita na mata, na margem esquerda do rio Cachoeira, nas proximidades de onde hoje se encontra o prédio do Banco do Brasil, na praça Olinto Leone. Cresceu à jusante (no sentido *rio-abaixo*), formando a rua da Areia, atual Miguel Calmon, até a ponte Dois de Julho (pontilhão sobre o canal, próximo à antiga sede das Bandeirantes) seguindo Taboquinhas, hoje rua Barão do Rio Branco. Seu crescimento se deu, também, acompanhando o rio à montante (*rio-acima*), dando origem às ruas Paulino Vieira, comendador Firmino Alves, ruas do Buri e da Lama (atual Cinquentenário).

Em 1897, alguns cidadãos importantes de Tabocas tentaram elevar o lugarejo à condição de vila, mas não conseguiram. Em 1906, após nova tentativa, o governo do Estado permitiu a criação do município. Com sua emancipação política de Ilhéus passou a chamar-se de vila e termo de Itabuna, por força da Lei Estadual n. 692 de 13 de setembro de 1906, no governo estadual de José Marcelino de Souza.

Gonçalves (1960), a esse respeito, escreve que no dia 13 de setembro de 1906 houve em Tabocas uma

grande festa para comemorar seu desmembramento do município de Ilhéus. Pela lei estadual nº. 692, o distrito de Tabocas transformou-se em município, vila e termo de Itabuna, com as assinaturas de Marcelino de Souza e José Carlos Junqueira Ayres de Almeida. "[...] Em fevereiro de 1908 criou-se o curato de São José de Itabuna, separado da Freguesia da Invenção da Santa Cruz de Ilhéus, para o qual foi designado monsenhor Moisés Gonçalves para dirigir esta circunscrição eclesiástica" (p. 83).

Para se chegar ao novo nome, várias reuniões foram feitas sem se chegar a um acordo. Costa (1997, p. 57) relata o fato dizendo que:

> Na última [reunião], se esperando até conflito, visto ter empatado, por duas vezes, o nome de Firmino Alves como seu fundador e Henrique Alves como seu conservador, e naquele impasse surgia de um popular o grito – João Colete. [...] João Colete não estava enquadrado na escolha [...] quando outro popular também gritou: Maria Buna... Nesta altura, levanta-se o Dr. Caldeira, juiz preparador daquela futura Vila e pergunta aos presentes: Quem é João Colete e Maria Buna para serem votados? Responderam ser João Colete o ganhador da chapa número um e o maior detetive da Vila, e Maria Buna uma lavandeira (*sic)* fidalga que só lava roupa de gente rica, naquela pedra que daqui se vê, todo dia de segunda-feira. Diz Caldeira: Pedra, ita; negra, Buna. Então vamos dizer Itabuna, quando surgiram palmas de todos os lados aplaudindo o nome escolhido para substituir Tabocas.

Jorge Amado tem outra explicação para o nome Itabuna: "Itabuna que, em língua guarani quer dizer 'pedra preta'. Era uma homenagem às grandes pedras

que surgiam nas margens e no meio do rio e sobre as quais as lavadeiras passavam o dia no seu trabalho" (ROCHA, 2003, p. 62).

Freire (1963, p. 6) também tem uma explicação para o nome Itabuna. Assim ele escreve:

> Após percorrer, a pé, algumas dezenas de quilômetros, chegou a família Alves a Tabocas numa noite do ano de 1867. Na localidade havia apenas três casebres cobertos de palha e alguns tabocais, atribuindo-se esse fato à denominação dada ao pequeno povoado, embora existam outras versões a respeito daquela denominação. Mais tarde, o nome de Tabocas foi substituído por **Itabuna, palavra indígena que, segundo Teodoro Sampaio, considerado a maior autoridade no Brasil em línguas indígenas, significa pedra preta**: ITA – pedra; UNA – preta. O **B** foi acrescentado à palavra por eufonia. [...] A família Alves instalou-se na Burundanga, hoje aeroporto Tertuliano Guedes de Pinto, onde já morava um parente de José Alves. Como os desbravadores de outras regiões do Brasil, derrubaram árvores, construíram casebres e se abrigaram, imbuídos da certeza de que tinham encontrado a terra ideal com a qual haviam sonhado (grifo nosso).

O que é certo, a respeito do nome Itabuna, é que deriva de duas palavras, de origem indígena, justapostas: *ita* – pedra e *una* – preta. As versões a respeito dessa formação, como se viu, são várias, mas, no fundo, chegam ao *ita* e ao *una*.

Jorge Amado, ao escrever sobre o início da vila assim se expressou:

> Primeiro não teve nome, quatro ou cinco casas apenas à margem do rio. Depois foi povoado de Tabo-

> cas, as casas se construindo umas atrás das outras, as ruas se abrindo sem simetria ao passo das tropas de burros que traziam cacau seco. (...) Tabocas continuava um povoado do município de São Jorge dos Ilhéus. Mas já muita gente, quando escrevia cartas, não as datava mais de Tabocas e sim, de Itabuna. E quando perguntavam a um morador dali, que estivesse de passeio em Ilhéus, de onde ele era, o homem respondia cheio de orgulho: Sou da cidade de Itabuna (AMADO, s.d., p. 21).

Valdelice Pinheiro, em suas "Vivências", assim se refere a seu deslumbramento de criança perante uma cidade que dava seus primeiros passos rumo ao futuro:

> Nasci em Itabuna (...) onde se instalavam pequenas bodegas de secos e molhados e as fascinantes rancharias, galpões toscos, cobertos de palha, nos quais pernoitavam os tropeiros que chegavam ou saíam da cidade à noite. Era lindo! Tropeiros e tropas faziam a festa desse lugarzinho tão rico de gente e coisas das quais nunca houve duplicata no mundo, muito embora a luz dos fifós, o cheiro de toucinho fritando para aquele arroz e feijão cujo gosto quase que divino, jamais se repetirá, tivesse um jeito medieval, qualquer coisa de passado distante, ou de um mistério de paz que me chamava, ou me assanhava a fantasia. Os tropeiros eram os meus heróis de infância – homens muito rústicos, rudes, pobres, de roupas encardidas e seus gibões de couro, mas que para mim eram os mais lindos, os mais fortes, e ao mesmo tempo os mais delicados homens do mundo (SIMÕES, 2002, p. 47).

Em 28 de julho de 1910, a vila foi elevada à categoria de cidade. A partir deste evento, como ocor-

re com a maioria das cidades, Itabuna estruturou-se social, econômica e politicamente, passando por altos e baixos, avanços e recuos. Contudo, sempre foi um centro polarizador da região cacaueira, progressista e com um mercado consumidor atuante. Isto pode ser constatado, principalmente, após a crise do cacau que se instalou na região a partir de 1989, com a chegada da vassoura-de-bruxa que, por pouco, não dizimou as lavouras de cacau não fosse a persistência de fazendeiros e órgãos de pesquisa, como a CEPLAC e a UESC, por exemplo. Enquanto outras cidades da região praticamente estagnaram após a proliferação do fungo nos cacauais, Itabuna seguiu adiante em seu comércio. Tanto que, a partir dos anos 90 do século XX e início do século XXI, prédios começaram a surgir do outro lado do rio Cachoeira (margem direita), principalmente depois da construção do *Shopping Center* Jequitibá, abrindo novas fronteiras para a expansão urbana.

No que se refere ao fundador da cidade, título dado a José Firmino Alves, Costa (1995, p. 50-52) discorda:

> Firmino Alves nasceu em Vila Cristina, no estado do Sergipe, em 25 de setembro de 1852, vindo para este distrito de Ilhéus, antiga Tabocas, em companhia de seus pais e avô materno, em 1867, onde vieram residir, contando ele com apenas 14 anos de idade. Muito antes, já moravam nos arrabaldes de Tabocas, Francisco Manoel Cidade e D. Maria Cidade, em sua fazenda Caldeirão sem Tampa, hoje bairro de Fátima. [...] Manoel Cidade, em sua fazenda construía e facilitava a construção de casas, onde, em 1914, o Cachoeira levou 148 casas, 100 de

> sua propriedade e 48 dos agregados, quando aquela propriedade já pertencia a seu genro, José Aquiles. Desta ou daquela maneira, ao meu ver, cabia a Manoel Cidade o título [de fundador] de Tabocas, também porque ali existiu o pau que deu o nome àquele arraial onde ainda hoje existe o ribeirão que desemboca no Cachoeira, o ribeirão de Cidade, cujo nome vem desta família. [...] Quem sabe como eu, afirma que Firmino Alves foi o homem que aqui descrevi (homem honestíssimo, trabalhador e prestativo em ajudar aos mais fracos), não o fundador de Itabuna. Este título, por um dever e a razão de ser, pertence a Manoel Cidade, bem como a propriedade mais antiga de Itabuna, não é Burundanga e sim, Mutucugê e Caldeirão sem Tampa, porque Itabuna foi começada de baixo para cima.

Quando o autor diz "de baixo para cima", quer dizer que o lugarejo se expandiu no sentido *rio-acima*, ou seja, à montante. Contudo, não é tão importante o ponto exato onde o povoado teve início. Segundo Ferreira Filho (1960, p. 106),

> O fato importante na formação do município é ter sido produto de puro sangue brasileiro. O mesmo ardor que se agarrou ao desbravador das matas ilheenses apoderou-se dos que cultivaram as matas itabunenses. Sendo que na terra itabunense o estrangeiro não orientou, não incentivou nem civilizou. O trabalho, a cultura da terra, a expansão, o método, a disciplina, o exemplo da dedicação, de abnegação, decorreram, fluíram dos brasileiros oriundos de todos os Estados, destacadamente dos sergipanos.

Após a elevação de Itabuna à categoria de cidade, os fatos foram se sucedendo, equipamentos urbanos, órgãos oficiais e religiosos foram sendo instalados a

fim de que a vida urbana pudesse manifestar-se e funcionar com êxito. O quadro a seguir traz um resumo das principais efemérides.

Quadro 1 – Datas significativas na história de Itabuna: 1906-1946

(continua)

Data	Feito
1906	Movimento em favor da emancipação de Tabocas, então 3º distrito de Ilhéus, através de uma mensagem endereçada ao Governo do Estado, datada de 4 de agosto.
13/09/1906	Desmembramento do distrito de Tabocas e sua constituição do novo município, vila e termo de Itabuna, pela Lei Estadual Nº. 192.
12/11/1906	Instalação do Termo, sendo Juiz preparador o Dr. Wenceslau Unapetinga de Souza Guimarães.
Janeiro/1908	Instalação oficial do município, tendo como primeiro intendente Olinto Batista Leone.
Fevereiro 1908	Criação do curato de São José de Itabuna, separado da Freguesia da Invenção da Santa Cruz de Ilhéus, sendo designado monsenhor Moisés Gonçalves para a direção desta circunscrição eclesiástica.
14/07/1908	Criação da União Comercial, mais tarde denominada de Associação Comercial de Itabuna.
28/07/1910	Elevação da vila de Itabuna à categoria de cidade, no governo estadual de Araújo Pinho, pela Lei Estadual n. 807.
21/08/1910	Instalação solene de Itabuna como cidade.
1911	Inauguração da iluminação pública a acetileno em substituição à de querosene.

Quadro 1 – Datas significativas na história de Itabuna: 1906-1946

(continua)

Data	Feito
21/09/1911	Chegada do primeiro trem da estrada de ferro Ilhéus-Conquista que só viria a ser inaugurada dois anos depois, em 21 de agosto de 1913, pela *State of Bahia South Western Railway Company*.
1913	Criação da Sociedade São Vicente de Paulo.
21/08/1915	Elevação da cidade à comarca, conforme Lei Estadual n. 1119.
30/05/1916	Inauguração da usina Luz e Força na administração municipal de Fonseca Dórea.
28/01/1917	Criação da Santa Casa de Misericórdia que viria a funcionar em 7 de setembro de 1922.
1918	Inauguração do cinema Ideal na rua Seabra.
1920	Organizada a feira livre.
06/08/1922	Fundação da Loja Maçônica Areópago Itabunense.
1923	Inauguração do Ginásio Divina Providência.
1924	Criação da Caixa Rural e instalação do Banco do Brasil..
07/09/1926	Começa a circular o jornal *O Intransigente*.
1926	Fundação da Filarmônica *Lira Popular*.
1927	Inauguração da rodovia Itabuna-Ilhéus.
1928	Inauguração da cadeia pública na administração municipal de Henrique Alves dos Reis.
1932	Inauguração de uma agência do Instituto do Cacau da Bahia (ICB), fundado em Salvador, em 1931.
1933	Elevação de Itabuna à comarca da categoria da 3ª entrância, pelo Decreto n. 8.507 de 27 de junho.
24/03/1935	Inauguração de uma agência da Caixa Econômica Federal.

Quadro 1 – Datas significativas na história de Itabuna: 1906-1946

(conclusão)

Data	Feito
02/08/1935	O município de Itabuna contraiu um empréstimo de três milhões e duzentos mil cruzeiros (moeda da época) para obras de abastecimento de água e rede de esgoto, no governo do prefeito Alpoim, cujos serviços ficaram prontos em 1937.
1938	Fundação do Itabuna Esporte Clube.
10/11/1939	Instalação da cooperativa Mista dos Agricultores.
1943	Instalação do *Rotary* Clube.
1944	Instalação do grupo das Bandeirantes.
1946	Fundação do Grapiúna Tênis Clube.

Fonte: GONÇALVES (1960, p. 83-85).
Elaboração: Lurdes Bertol Rocha.

Alguns nomes dados a logradouros de Itabuna tiveram origem a partir de algum evento ali ocorrido, ou em homenagem a alguém. O quadro 2 mostra alguns desses casos:

Quadro 2 – Origem de alguns nomes de logradouros em Itabuna

(continua)

Rua do Cajueiro	O nome se devia a um frondoso cajueiro que havia no local, plantado pelo senhor Manoel Duarte Cidade. Esta árvore atraía a atenção de muitas pessoas que iam ali descansar à sua sombra. Mais tarde o poder municipal construiu no local a usina de energia elétrica.

Quadro 2 – Origem de alguns nomes de logradouros em Itabuna

(continua)

Alto Maron	Nome dado ao local pelo fato de ter sido comprado por Felipe Maron, a fim de ali construir um estábulo de vacas leiteiras. Com a morte do proprietário, o local permaneceu com o nome de Alto Maron.
Rua da Lasca	Este apelido teria surgido por causa de um morador que, em 1903, para construir sua casa, ele mesmo carregava as madeiras. Ao lhe perguntarem o que iria fazer com aquela madeira, respondia: é para fazer minha lasquinha de casa. Os moradores, aborrecidos com este nome, solicitaram ao prefeito que fosse substituído por Rua Bela Vista, no que foram atendidos. Hoje leva o nome de Armando Freire.
Bairro Pontalzinho	Esta área era ocupada por pastos e olarias que foram sendo substituídos por construções (1920-1922). Os novos moradores tinham dificuldade para atravessar o ribeirão Lavapés (hoje o canal da avenida Amélia Amado), principalmente quando chovia muito, tornando-se sua travessia mais perigosa. Fizeram então uma ponte ligando o lugar à cidade. Pelas dificuldades apresentadas para a comunicação de um lado para o outro, alguém, comparando-a ao Pontal, de Ilhéus, por também estar separado da cidade e ter que ser atravessado de barco, passou a denominar este lugar, em Itabuna, de Pontalzinho.
Caixa D'água	A administração da estrada de ferro Ilhéus-Conquista construiu neste local um grande depósito de água para abastecimento das locomotivas que por ali trafegavam. Daí o nome foi estendido à localidade.

Quadro 2 – Origem de alguns nomes de logradouros em Itabuna

(continua)

Rua Benjamin Constant	Anteriormente rua do Cemitério. O cemitério estava situado na rua do Lopes. Com o desenvolvimento do arraial de Tabocas, o cemitério foi transferido para o local onde hoje se encontra a catedral de São José e a praça Laura Conceição, em frente. Mais tarde este cemitério foi transferido para onde se encontra hoje nas proximidades do hospital Calixto Midlej Filho. Esta rua hoje se chama Ruffo Galvão e, a partir do início da praça em frente à Catedral de São José, Nações Unidas.
Rua Firmino Alves	O nome primitivo era rua da Jaqueira, devido às jaqueiras que margeavam o rio.
Rua Miguel Calmon	Este nome foi dado em homenagem ao ministro Miguel Calmon. Antes era rua da Areia, pelo fato de estar à margem do rio e ser de terreno bastante arenoso.
Rua Rui Barbosa	Antiga rua dos Anjos, nome dado em virtude de terem morrido naquele arruado três crianças de uma só vez. Mais tarde, por ter se instalado ali o quartel da polícia, na casa de número 62, passou a ser conhecida como rua do Quartel.
Rua Paulino Vieira	Anteriormente conhecida como rua dos Sertanejos devido a uma rancharia (uma grande casa aberta). Também chamada de rua dos Tropeiros. Boa parte da área era pasto fechado com cerca de arame farpado, propriedade de Paulino Vieira. Por terem encontrado no local uma laranjeira, passou a ter esse nome e, finalmente, em homenagem ao proprietário, oficialmente passou a chamar-se Paulino Vieira.

Quadro 2 – Origem de alguns nomes de logradouros em Itabuna

(conclusão)

Rua Duque de Caxias	Seu primeiro nome foi rua do Lopes. O nome era atribuído ao fato do Dr. João Batista Lopes visitar com frequência uma cliente que residia nessa rua. Teve também o nome de rua da Garapa.
Rua do Lava Pés	Nome originado devido ao fato das pessoas que viajavam para Rio do Braço, Fortaleza, Morro Redondo, Limoeiro, Boqueirão, Catulé, terem que passar por dentro do ribeirão, lavando aí os pés para não entrarem no comércio sujos de lama.

Fonte: GONÇALVES (1960, p. 113-118).
Elaboração: Lurdes Bertol Rocha.

Há de se registrar, também, a história dos bairros mais antigos da cidade, com suas curiosidades e suas características (Quadro 3):

Quadro 3 – História de alguns bairros mais antigos da cidade

(continua)

Bairro	Data de origem	Localização na cidade	Curiosidades
Pontalzinho	1914	oeste	É o bairro mais antigo da cidade, fundado em 1914, após grande enchente do rio Cachoeira. Era separado do centro da cidade pelo ribeirão do Lava-pés e a falta de drenagem deixava

Quadro 3 – História de alguns bairros mais antigos da cidade

(continua)

Bairro	Data de origem	Localização na cidade	Curiosidades
			a área totalmente alagada. Daí o nome sugestivo de Pontalzinho, dado pelos primeiros moradores, que o comparavam ao Pontal, de Ilhéus.
Nossa Senhora da Conceição ou, simplesmente, Conceição	1927	norte	Surgiu após a construção da ponte Góes Calmon (hoje só para pedestres). Foi o segundo bairro da cidade e o primeiro do lado oposto do rio Cachoeira (margem direita). Seu desenvolvimento somente se deu após a construção da estrada ligando Itabuna a Buerarema, em 1931. Essa estrada, à época passando por meio da mata, é hoje avenida Hercília Teixeira de Almeida.
Mangabinha	1934	Sul	Seu desenvolvimento deu-se a partir de 1934, quando um dos donos de fazenda, na época, João Mangabinha Filho, abriu os seus pastos, transformando-os em ruas.

Quadro 3 – História de alguns bairros mais antigos da cidade

(continua)

Bairro	Data de origem	Localização na cidade	Curiosidades
Fátima	Sem data certa	norte	Segundo os memorialistas itabunenses, o bairro só começou a se desenvolver a partir de 1927 quando da abertura da estrada de rodagem para Ilhéus e a construção do loteamento Francisco Alves de Oliveira. É atualmente um dos bairros mais populosos de Itabuna.
São Caetano	1946	leste	Teve seu desenvolvimento a partir da construção da ponte Lacerda, hoje César Borges, também conhecida popularmente como "ponte do São Caetano". O bairro foi o primeiro a receber importantes benefícios, como a construção do DERBA (Departamento de Estradas de Rodagem da Bahia), a Usina Helvéltica e o Colégio Estadual de Itabuna. Conta, ainda, com a Vila Olímpica, o estádio de futebol e um clube recreativo (Usemi).

Quadro 3 – História de alguns bairros mais antigos da cidade

(conclusão)

Bairro	Data de origem	Localização na cidade	Curiosidades
Santo Antônio	Não consta	Sudoeste	Continuação do antigo bairro Borboleta. Bairro bastante populoso.
Califórnia	Não consta	norte	Na realidade, o Califórnia pertence ao município de Ilhéus, mas, devido a um acordo entre as duas cidades, os serviços são prestados por Itabuna, em função de estar localizado na fronteira entre os dois municípios.

Fonte: Disponível em: http://www2.uol.com.br/aregiao/ Acesso em 25/10/2007.
Elaboração: Lurdes Bertol Rocha.

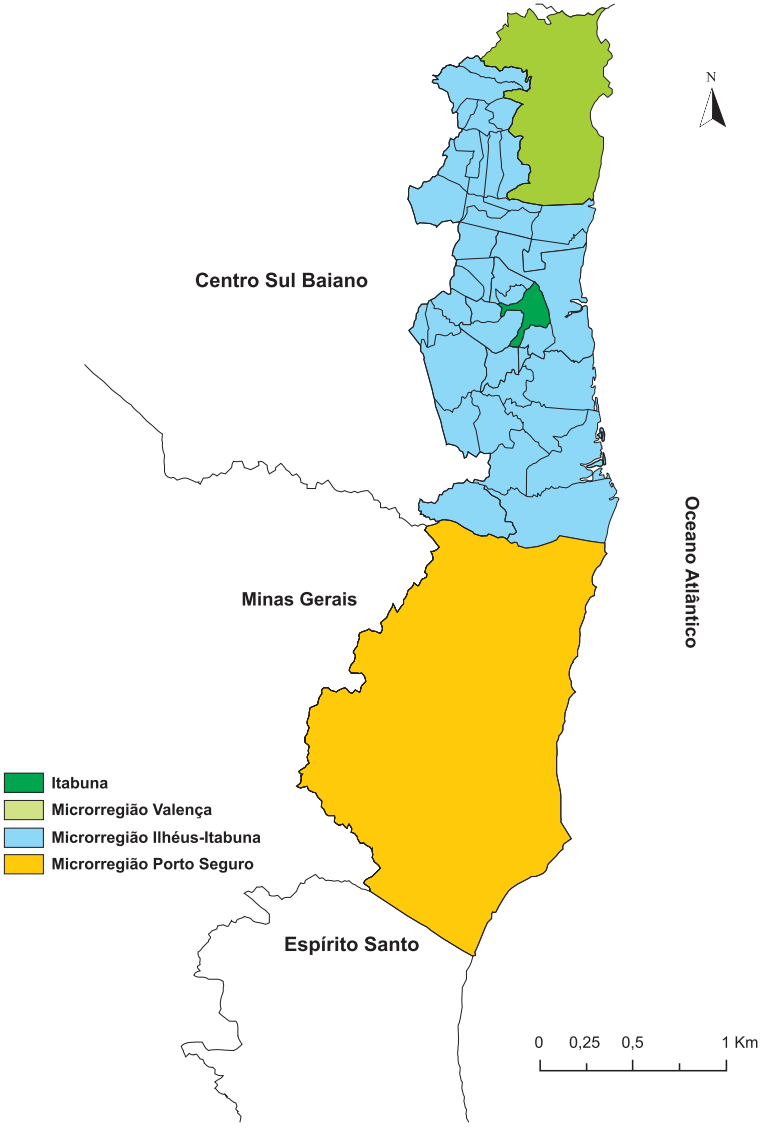
2.2 Breves aspectos geográficos

A área que comporta o município de Itabuna insere-se na microrregião Itabuna-Ilhéus, também conhecida como região cacaueira. Por sua vez, esta microrregião faz parte da mesorregião Sul Baiano, conforme mapas a seguir:

Figura 1
Messorregiões da Bahia

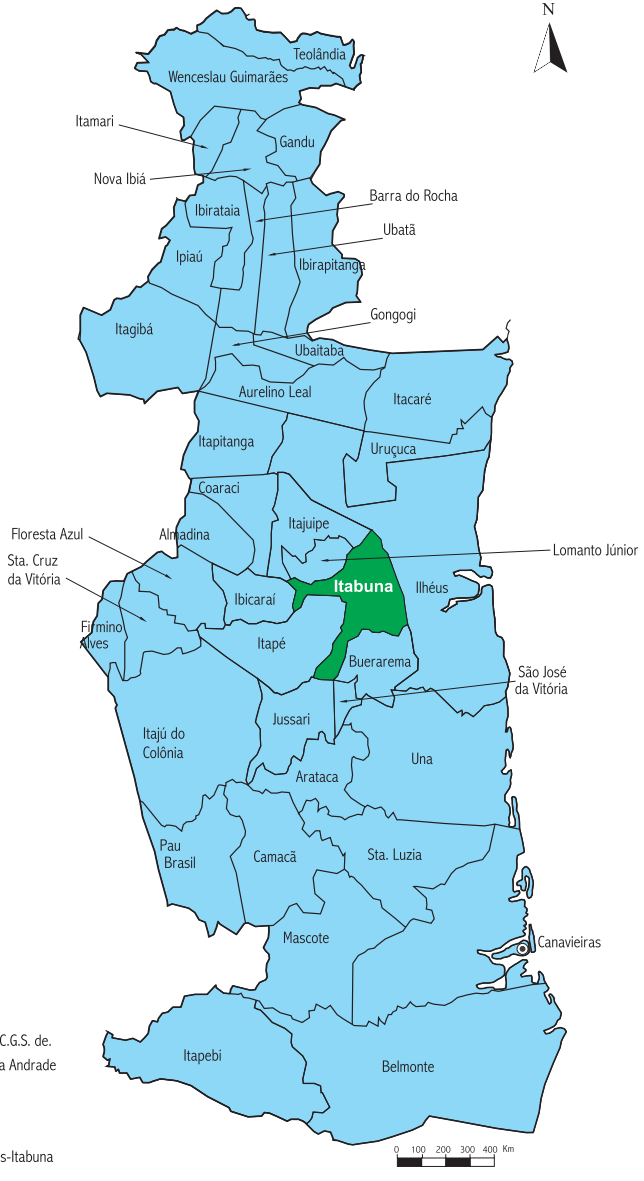
Fonte: IBGE
Adaptação: ROCHA, L. B.

Figura 2
Microrregião Ilhéus-Itabuna na Mesorregião Sul Baiano



Fonte: SEI, 2007.

Figura 3
Itabuna na microrregião Ilhéus-Itabuna



Fonte : IBGE, 1996
Elaboração : OLIVEIRA, C.G.S. de.
Adaptação : Maria Palma Andrade

Itabuna

Microrregião Ilhéus-Itabuna

No que se refere à rede mundial de paralelos e meridianos, Itabuna localiza-se entre 14º e 39º de Longitude Oeste de Greenwich e a 14º de Latitude Sul. Está a uma distância de 429 km de Salvador, a capital do Estado, e a 28 km da cidade de Ilhéus. Ocupa um sítio cuja área é de 443 km², numa altitude de 96 metros em relação ao nível do mar. Sua população é de 210.604 habitantes residentes, de acordo com a contagem populacional de 2007, feita pelo IBGE. Por esta contagem, Itabuna ocupa o 5º lugar, após Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista e Juazeiro. Localiza-se às margens da BR 101 e se constitui num polo regional de grande importância devido ao seu dinâmico comércio, indústrias e serviços. O centro da cidade de Itabuna, sede do município, é cortado pelo rio Cachoeira, formado por dois rios que nascem na Serra de Itaraca: o Colônia em Vitória da Conquista, e o Salgado em Itapé.

O clima de Itabuna é o Tropical chuvoso que se caracteriza basicamente por temperaturas e umidade relativa do ar altas: temperaturas entre 29ºC e 30ºC no verão e mínima de 16º no inverno; a umidade relativa do ar varia entre 75% (mínima) e 85% (máxima no mês de julho). Quanto à pluviosidade, as chuvas ocorrem mais na primavera e no verão, "quando ocorrem chuvas de trovoada, acusando forte volume pluviométrico, embora menos prolongadas. No inverno, as precipitações são mais prolongadas, porém, mais fracas. A média pluviométrica anual do município corresponde a 1.500mm (ANDRADE, 2005, p. 56). Este tipo de clima favorece a cultura do cacau, planta exigente quanto à pluviosidade e umidade, além de

propiciar também o cultivo da pupunha, cupuaçu, entre outras.

A vegetação é constituída basicamente pela mata higrófila, que faz parte da Mata Atlântica. É uma vegetação de alta biodiversidade, constituída de mais de 400 espécies de plantas lenhosas, endêmicas dessa região. Os remanescentes dessa floresta constituem-se de espécies de alto valor econômico, tais como o vinhático, o cedro, baraúna, maçaramduba, angelim, coco, pau-d'arco amarelo, peroba, jacarandá da Bahia (este, em vias de extinção devido à desenfreada exploração para exportação) (ANDRADE, 2005, p. 58).

3. WALTER MOREIRA: SUA VIDA. SUA OBRA

A um poeta itabunense
Léo Lynce (homenagem do poeta a Walter)

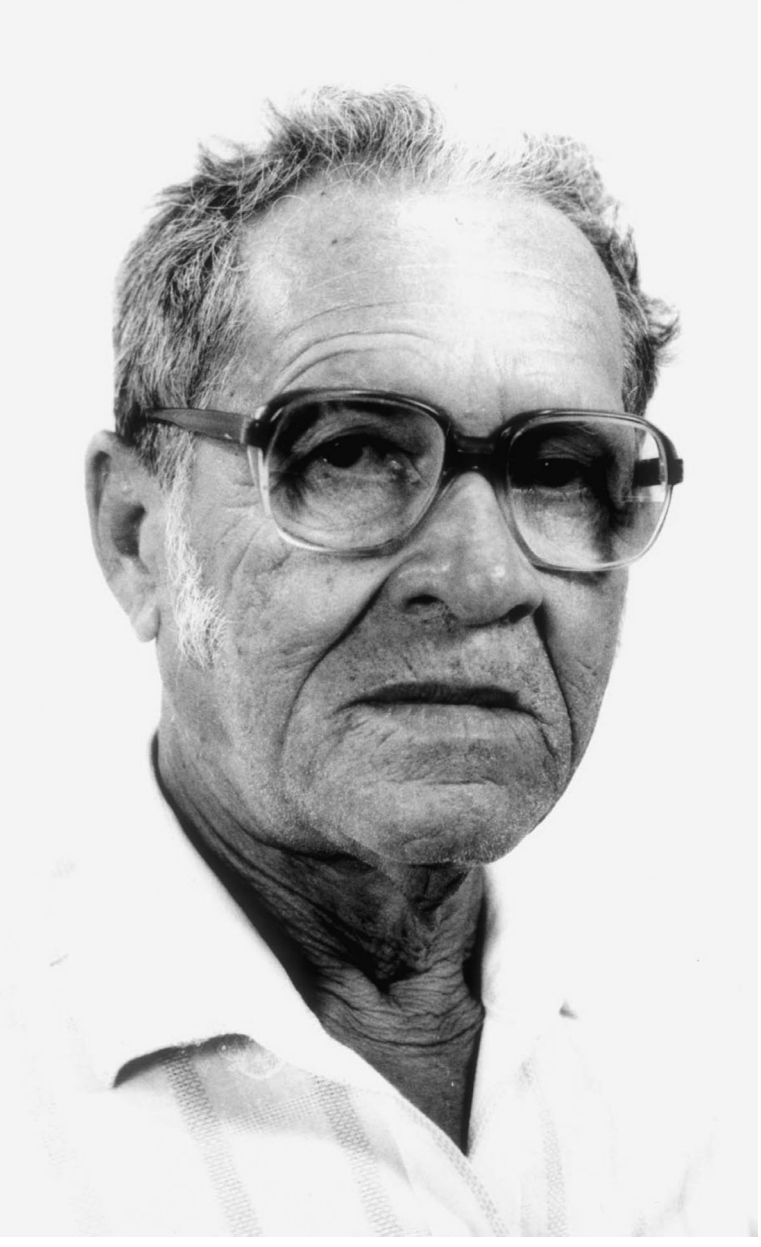
Não julgues pelo berço ou pela raça.
Preconceitos não sirvam de empecilho
Na estrada que palmilhas e eu palmilho:
Canta e celebra a Filha da Desgraça!

De ilustre nome nada vale o brilho
Quando uma vida de outros dons é escassa
Se a poeira dos brasões aos netos passas,
O mérito nem sempre chega ao filho.

A virtude não foge da miséria.
Por sobre o pântano também há flores
E pérolas na vasa deletéria.

No lodo onde se abriu a Flor do Crime
- saprófita lirial dos teus amores -
planta a cruz do teu verso que redime!

(Revista Grapiúna, dez. 1955, p. 14).



Fonte: Foto cedida por Elisabete Moreira de seu acervo particular.

Walter Moreira (1915-1999) descendia de um dos desbravadores das terras grapiúnas, Félix Severino de Oliveira (Félix do Amor Divino). Nasceu em Itabuna no dia 16 de dezembro de 1915. Cresceu com a arte dentro de si a alimentar um sonho que, no mistério da vida, tempos depois, escorreria num mundo feito de paisagens e cores. A região cacaueira do Sul da Bahia foi sua grande inspiração, dela recebendo grande influência porque, grapiúna de corpo e alma, foi um apaixonado por sua terra. O seu estilo é um misto de clássico-acadêmico com o realismo e o regional. Isso se faz notar em todas as suas telas, em que é flagrado, de maneira significativa, o universo das fazendas de cacau, das praias e figuras humanas típicas, enfim, o sócio-regional. Foi um mestre na arte de pintar telas a óleo e a bico de pena, além de caricaturista. Foi um autodidata pois, sem nunca ter frequentado uma faculdade de Engenharia ou de Arquitetura, chegou a receber licença do CREA para assinar seus projetos arquitetônicos no período de 1953 a 1957. Merecem registro, também, seus desenhos em botânica e cartografia, quando funcionário da CEPLAC. Trabalhou no DNER, na seção de projetos, deixando ali trabalhos que validam a sua capacidade em desenhos técnicos na área de engenharia. Em Buerarema, foi Diretor de Obras, na gestão do prefeito Paulo Portela, onde atuou como projetista. Devido a seu talento para retratar com perfeição qualquer coisa que lhe caísse à vista, o médico Alício Peltier de Queirós levou-o para trabalhar como desenhista na área de anatomia humana no Hospital das Clínicas em Salvador. Reproduziu, com fidelidade fotográfica, órgãos humanos, cujos desenhos foram inseridos nos anais de Me-

dicina de Itabuna. Foi também professor de desenho do Colégio Divina Providência, dirigido, na época, pela professora Lindaura Brandão.

Muitas pessoas, em Itabuna, deixaram suas impressões a respeito deste artista, registradas a seguir:

- José Dantas de Andrade – Sua arte flui como um manancial perene, mas continua dispersa, graças, em grande parte, à sua modéstia, que o impediu de catalogar as suas inúmeras e memoráveis obras: telas a óleo, bico de pena, charges, projetos arquitetônicos, mapas, desenhos em botânica, desenhos em anatomia e muitas outras dignas de menção honrosa. Seus hábitos de homem simples o fizeram viver desconhecido, escondendo sua capacidade artística que muito bem poderia ser revelada e figurar entre os melhores pintores do Brasil.
- Alberto Lessa (1999) - Quando se vê um quadro de Walter Moreira ganha-se um sabor mágico, inesquecível, enfeitiçante, sobretudo nas telas dos cacauais, onde se esmerou por se tratar de coisas da sua terra natal.
- Zélia Lessa (1999) – Temos um mundo de canções na obra plástica de Walter Moreira. Apreciando-a demoradamente e em concentração, conseguiremos penetrar naquela natureza maravilhosamente exposta, descobrindo vozes sutis dos pássaros unindo-se em consonância perfeita com todos os animais e com a própria floresta. Sim, a obra de Walter Moreira nos leva a todas as vibrações da deusa Terra.

- Guilherme Lamounier (1999) – Em óleo sobre tela era um sábio no jogo das luzes e sombras. Impressiona a riqueza de detalhes e o cromatismo sempre empregado com extrema suavidade. Nas suas paisagens é possível sentir sua sensibilidade e entender seu imaginário.
- Ottoni Silva (2000) – Para corolário de sua obra, lembramos a colaboração valiosa do portentoso artista também na música, pois foi clarinetista das Filarmônicas *Itabunense* e *Amantes da Lira*, em Itabuna, bem como da Filarmônica *Santa Cecília*, em Ilhéus. Igualmente, através do seu traçado extraordinário, prestou relevante colaboração à medicina local ao eminente médico, professor Alício Peltier de Queirós e sua valorosa equipe, na publicação dos Anais da nossa medicina, já àquele tempo adiantada, comandada por esse inteligente e destemido médico. Devemos a Alicio Peltier de Queirós e sua equipe, o nome altiloquente da ciência médica que Itabuna ostenta hoje, pois aí foi mais notável ainda o trabalho de Walter Moreira, na perícia anatômica dos seus desenhos, ilustrando a monumental obra que circulou em todo o país, como subsídio científico altamente valorizado, e recebeu ardorosos aplausos de todos os centros científicos da Europa, especialmente da Alemanha. Nesse portentoso trabalho, Walter tinha ingresso nas salas de cirurgia.

Declaração escrita pelo médico Dr. Alicio Peltier de Queirós sobre Walter Moreira

Walter Moreira – Um artista, um gênio.
Dr. Alicio Peltier de Queirós

Conheci-o quando, como médico, desloquei-me em 1930 para trabalhar em Itabuna nas terras do Sul da Bahia. Naquela época tudo era muito difícil, condições inóspitas. Era o começo, tínhamos que lutar denodadamente com os poucos recursos que a realidade nos oferecia para construir um futuro promissor para a gente itabunense e regional, na medicina então não seria diferente, e nesse afã lutávamos para oferecer um nível de saúde que dignificasse cada vez mais o bem estar da comunidade local, a qual aprendi a amar.

Houve então a necessidade da elaboração dos Anais de Medicina de Itabuna e para a elaboração desse estudo, no sentido de implantação de melhorias no campo da medicina local, fez-se necessário a constituição de uma equipe para a realização desse trabalho, fazia-se aqui necessário a participação de um excelente desenhista, que tivesse a capacidade de desenvolver desenhos de caráter técnico-científicos, acompanhando-nos, sobremodo nas cirurgias para que pudesse visualizar órgãos e desenhá-los de forma anatomicamente idêntica, perfeita, pois que o trabalho a ser desenvolvido era um estudo sobre Anatomia Humana, no campo da Ginecologia. Foi então que a natureza local, com toda sua exuberância nos presenteou o Walter Moreira, porque não dizer o nosso Walter, brotado da gente grapiúna, com toda força do seu traçado. Surgiu com o seu indefinível talento, um gênio na arte de desenhar e pintar, um traçado portentoso, habilidoso, dominador de uma técnica que jorrava de um dom nato que Deus lhe deu, humanamente indescritível. Desse modo veio a suprir essa necessidade, dando-nos o seu apoio através de um desenho técnico e cientificamente executado, suprindo assim categórica e apropriadamente aquela lacuna, prestando dessa forma a sua inestimável colaboração na constituição dos Anais de Medicina de Itabuna. Ele teve um papel relevante na execução desse nosso trabalho, os desenhos eram realizados com a fidedignidade necessária ao nível de responsabilidade e seriedade do nosso estudo, desenhos técnico-cientificamente desenvolvidos, perfeitíssimos, artisticamente trabalhados, em excelente nível. Foram elogiadíssimos por cientistas da área médica de todo país, bem como do exterior notadamente da Alemanha, que admirados indagavam pelo autor daqueles desenhos, quem era aquele artista que dominava aquela técnica absoluta do desenho, a perfeição do seu traçado e se demonstravam encantados pelo valor técnico-científico daquelas ilustraçãoes e se posicionavam como o valor científico daquele importante e renomado estudo médico tinha sido correspondido por desenhos de cunho tão perfeito.

Registre-se aqui, que diante do excelente nível do seu trabalho, trouxemo-lo a Salvador-Bahia o qual muito nos honrou com seu portentoso trabalho como desenhista em Anatomia Humana no Hospital das Clínicas de Salvador-Bahia, quando eu ali fui regente titular da Cátedra de Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina da Bahia.

E, é por isso que diante da genialidade desse grande artista itabunense, eu não poderia deixar de reconhecer o seu meritório talento, escrevendo memórias sobre esse homem que através do seu dom e juntamente conosco registrou a história do seu povo.

Salvador, 24 de janeiro de 2002

Prof. Alicio Peltier de Queirós

Dr Alicio Peltier de Queirós

Fonte: Documento cedido por Elisabete Moreira de seu acervo particular.

E fez um trabalho perfeitíssimo e muito elogiado. É esse o Walter artista que conhecemos, rápido nos traços, dominador absoluto do pincel, sem muitos cuidados, no melhor sentido falando, altamente expressivo, extremamente espontâneo.

Walter em momentos de cartógrafo

Fonte: Foto cedida por Elisabete Moreira de seu acervo particular.

Walter Moreira, em diversas ocasiões, expôs seus trabalhos ou estes foram expostos por outras pessoas. Entre essas exposições destacam-se, conforme quadro a seguir:

Quadro 4 – Exposição das telas de Walter Moreira]

(continua)

Data	Local	Tema
1934	Itabuna	Exposição de caricaturas. Sua primeira amostragem realizada na rua J. J. Seabra, na loja do Sr. Francisco Nunes. Tinha uma mensagem sociopolítica com sabor dos costumes locais.
1947	Itabuna	Intitulada "Aquarela de Itabuna" (cheiro e sabor de cacau).
1949	Itabuna	Aquarela de Itabuna II.
1953	Itabuna	Aquarela de Itabuna III (som, cheiro luz e cor das terras grapiúnas).
1956	Itabuna	Aquarela Grapiúna, exposição sob os auspícios do *Lions Clube*.
1956	Rio de Janeiro	Cacau – manjar dos deuses. Realizada no Editorial COPAC S/A. Primeiro pintor regional a apresentar telas sobre a região cacaueira no Rio de Janeiro.
1962	Teófilo Otoni/ MG	Pela primeira vez, telas sobre a região cacaueira eram expostas em Minas Gerais.
1972	Itabuna	Participação no I Salão de Artes Plásticas, realizado pela sociedade Itabunense de Cultura (SIC), no Fórum Ruy Barbosa.
1976	Itabuna	"Terras e gente do cacau". Realizada no *foyer* do Sindicato Rural, como parte das comemorações do Dia Internacional do Cacau.

Quadro 4 – Exposição das telas de Walter Moreira]

(continua)

Data	Local	Tema
1986	Itabuna	"Aquarela de uma cidade – identificação de um povo". Um misto da paisagem e do povo com a arte, uma fusão pictórica. Exposição ao ar livre, na praça José Bastos, promovida pelo próprio artista.
1986	Itabuna	"Aquarela itabunense – identificação de uma história". Exposição ao ar livre, na praça Olinto Leone, promovida pelo próprio artista.
1987	Curitiba/PR	Tela "O Buscador" – Promoção da Ordem Rosacruz AMORC que adotou a figura como símbolo e como tal tem percorrido o mundo.
1988	Itabuna	"Walter Moreira – 65 anos de pintura – uma alma com paisagens e cores". Promovida pelo Centro Cultural de Itabuna.
1988	Ilhéus	"Walter Moreira – 65 anos de pintura – uma alma com paisagens e cores". Promovida pela Fundação Cultural de Ilhéus, realizada no teatro Municipal.
1989	Itabuna	Promovida pelos artistas plásticos regionais como homenagem a Walter Moreira, promovida pela Secretaria Municipal de Cultura.
1991	Itabuna	"Aquarela de Itabuna". Promovida pela Secretaria Municipal de Cultura, na Biblioteca Municipal Plínio de Almeida.
1995	Itabuna	Promovida pela Fundação Cultural do Estado da Bahia em homenagem a Walter Moreira, fazendo parte do evento "X Salão de Artes Plásticas da Bahia", no Centro Cultural Adonias Filho.

Quadro 4 – Exposição das telas de Walter Moreira]

(conclusão)

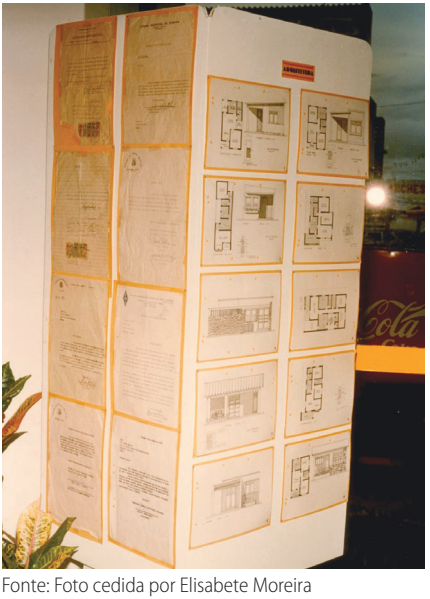
Data	Local	Tema
1996	Itabuna	Promovida pela Prefeitura Municipal de Itabuna, em homenagem ao artista, por ocasião da inauguração da Galeria de Artes Walter Moreira, localizada na praça Olinto Leone.
1997	Itabuna	Participação no XII Salão Regional de artes plásticas da Bahia, realizada no *foyer* do Centro de Cultura Adonias Filho, em homenagem ao lançamento do nome de Walter Moreira àquele foyer do Centro Cultural.
1999	Itabuna	XX Salão de Artes Plásticas da Bahia como homenagem *in memorian*, no foyer do Centro Cultural Adonias Filho.
2001	Ilhéus	"Itabuna nas telas de Walter Moreira – 1920 a 1990". Exposição promovida pela professora Lurdes Bertol Rocha, patrocinada pelo LAHIGE, no hall do Centro de Cultura Paulo Souto, na UESC.
2001	Itabuna	"Itabuna nas telas de Walter Moreira – 1920 a 1990". Exposição promovida pela professora Lurdes Bertol Rocha, no Jequitibá *Plaza Shopping*.

Fonte: Dados fornecidos por Elisabete Moreira.

Walter Moreira: cartografia, desenhos botânicos e caricaturas em exposição

Fonte: Foto cedida por Elisabete Moreira de seu acervo particular.

Desenhos arquitetônicos de Walter Moreira em exposição



Fonte: Foto cedida por Elisabete Moreira de seu acervo particular.

O amor que Walter Moreira sentia pela Bahia, principalmente por Itabuna, ele o retratou em suas telas, em sua poesia, em sua vida. Em suas telas-retratos imprimiu, de forma magistral, a luz, a cor, o social, o cotidiano da gente das terras grapiúnas. Retratou a Itabuna do início do século XX com suas feiras, suas praças, suas ruas; o rio Cachoeira com suas enchentes, suas lavadeiras, seus aguadeiros. Pintou as primeiras "buraras" (roças de cacau plantadas sob a sombra da vegetação original), a flor do cacau, o trabalhador rural, os homens nas barcaças (secadores de cacau) pisando o cacau. As boiadas levantando poeira na estrada. O indefectível palhaço montado num jegue seguido pela garotada. As lojas, o casario, a vegetação, os jardins. Enfim, retratou e pintou o corpo e a alma da terra grapiúna.

Na sua modéstia, e sentindo-se cidadão do mundo, Walter não catalogou as suas obras. Além dos óleos sobre tela, bicos-de-pena e caricaturas, é autor de muitos desenhos anatômicos, mapas, projetos arquitetônicos. Também trabalhou em heráldica: desenhou bandeiras, escudos e brasões, incluindo a primeira bandeira e escudo de Itabuna. Para a prefeitura, pintou uma coleção de retratos dos prefeitos e dos vereadores da época.

Por ocasião do cinquentenário de Itabuna, em 1960, contribuiu com mais de 20 quadros históricos da região, que se constituíram na grande atração do desfile. Retratou em telas a óleo Intendentes e Prefeitos de Itabuna, hoje expostas na Câmara dos Vereadores. "Seus hábitos de homem simples o fazem viver desconhecido, escondendo sua capacidade artística que muito bem poderia ser revelada e figurar entre os

melhores pintores do Brasil", conforme registra José Dantas de Andrade no seu "Documentário Histórico de Itabuna". (Panfleto com convite para exposição "Walter Moreira – 65 anos de pintura – uma alma com paisagens e cores", de 20 de setembro de 1988, no Teatro Municipal de Ilhéus. Promoção: Fundação Cultural de Ilhéus. Apoio: CEPLAC, COPERCACAU, TV Cabrália e Companhia Brasileira Exportadora - Grupo Chaves).

Walter Moreira era notícia constante nos jornais locais, como estas que seguem:

- **Walter Moreira inicia pintura de 30 quadros sobre Itabuna**. São quadros que retratam a Itabuna que não foi fotografada, com destaque para ruas, fatos e pessoas que marcaram época.O artista plástico, Walter Moreira, já iniciou a confecção de telas (óleo sobre tela) relatando os vários momentos da história de Itabuna. Serão 30 quadros, incluindo alguns em bico de pena, com o objetivo de homenagear Itabuna. "Enganam-se aqueles que pensam que Itabuna parou", observa o artista que ressalta que a cidade hoje é extraordinária. [...] (Agora, 29 de outubro a 04 de novembro de 1995, p. 13).
- **Inaugurada primeira galeria de arte municipal de Itabuna homenageando o artista plástico Walter Moreira**. A solenidade de inauguração realizada no dia 5 passado, na praça Olinto Leone, no centro da cidade, contou com a presença do prefeito

Geraldo Simões, secretários municipais, artistas e lideranças comunitárias. A galeria é uma antiga reivindicação dos artistas plásticos de Itabuna, conforme explica o secretário de Cultura da Prefeitura, Davi Pedreira. [...] "Trabalhei duro durante toda minha vida e hoje acredito que estou colhendo o que cultivei" (A Região, 10 jun. 1996, p. 8).

- **Homenagem a Walter Moreira**. Na madrugada fria de 06 de julho de 1999, a Nação Grapiúna perdia um de seus mais notáveis entusiastas. Morria Walter Moreira. Com 84 anos de vida bem vivida, foi arquiteto com licença especial do CREA, cartógrafo, topógrafo, desenhista e pintor. Em óleo sobre tela era um sábio no jogo de luzes e sombras [...]. o conjunto de obras desse primeiro pintor itabunense nos possibilita usá-lo como referência para o resgate da degradada cultura regional. Principalmente quando falamos da ainda existente Mata Atlântica (ÁGUAS DO ALMADA, 1999).
- A arte minuciosa de Walter Moreira. O pintor, de traço clássico, figura fundamental das artes plásticas regionais, retratou fatos e pessoas marcantes de sua cidade. [...] Suas telas retratavam paisagens históricas, personalidades e natureza morta. Ele era um homem modesto, por isso escondia seu talento para a arte, e viveu como desconhecido, sendo que poderia se tornar um dos melhores pintores do Brasil. Walter participou da inauguração

do Cinquentenário em 1960, contribuindo com mais de 20 quadros no desfile cívico. Walter Moreira trabalhou também no jornal *O Intransigente*, como desenhista, em especial com caricaturas, expressão artística muito valorizada pelos leitores na época. Sua arte ilustrava as páginas do jornal, com um visual expressivo e moderno. Nos cartazes afixados nas cinco portas do jornal, todo o *layout* era feito pelo artista. Esses trabalhos eram muito admirados pelas pessoas que paravam para ver as notícias do dia. Depois, ele também trabalhou no *Diário de Itabuna*, exercendo atividade semelhante. As deficiências na fotografia eram supridas pelos traços modernos do artista, que foi pioneiro da ilustração regional e também o primeiro artista plástico de Itabuna (Agora. Itabuna Antiga. Edição especial, 28 de jun., 2004 – Tatiana Amaral).

- **Sinônimo da arte grapiúna**. O artista homenageado da *III Bienal* ofereceu à região muito mais que arte. Entregou ao povo uma história de vida. O regionalismo realista do pintor Walter Moreira poderia também ser lido como a arte de pintar seu povo. Com a simplicidade dos que nasceram para encantar o mundo com o seu talento, só não sabia que ainda tinha muito a ensinar a seu povo (AGORA, 28 jul. 2006).

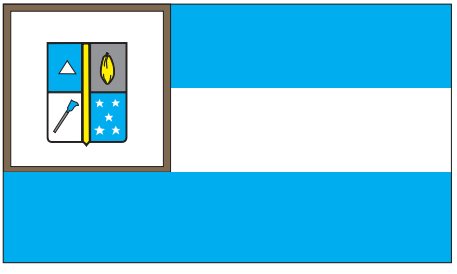
Walter Moreira também andou pela música, destacando-se como clarinetista das filarmônicas Eu-

terpe Itabunense e Amantes da Lira (em Itabuna), bem como da filarmônica Santa Cecília (em Ilhéus).

O artista prestou serviços à CEPLAC, até se aposentar, fazendo desenhos sobre botânica, além de cartografia de caráter científico, sob a supervisão do pesquisador Paulo de Tarso Alvim.

Desenhou a primeira bandeira de Itabuna e o primeiro Escudo do Município, juntamente com o professor Plínio de Almeida, estudioso de heráldica, tornados oficiais pela Resolução de nº. 46, de 14 de julho de 1958, assinada pelo Prefeito Municipal, Francisco Ferreira da Silva, e pelo Secretário, José Nunes de Aquino. A Bandeira era formada por um quadrado perfeito, campo branco com duas listas em sentido horizontal, cor azul rei. Ao lado esquerdo, parte superior, num campo branco debruado em amarelo-ouro, o Escudo de Armas, sem os ramos de café e cacau entrelaçados em uma lâmina de podão* (constantes no Escudo do Município). No quartel direito inferior do escudo, um fundo azul com

Primeiro Escudo de Armas e primeira Bandeira do município de Itabuna



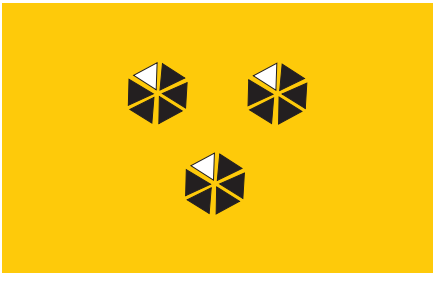
* Lâmina de aço curva, presa a uma haste de madeira, usada como instrumento para alcançar e retirar o cacau da árvore.

cinco estrelas (um dos símbolos da bandeira de Sergipe), em homenagem aos desbravadores sergipanos. Segundo o jornal Agora Documentos (1996, p. 13)

> o artista plástico Walter Moreira precisou de muita inspiração para criar a bandeira e o escudo, porém, dois anos depois, em 1960, foram totalmente mudados suas cores e símbolos por iniciativa do prefeito José de Almeida Alcântara que alegou muito pobre em assuntos de heráldica, apesar de rico em matéria de história.

Pela Lei de nº. 457, de 4 de maio de 1960, assinada pelo Prefeito José Almeida Alcântara e o Secretário Plínio de Almeida, foram aprovadas reformas na Bandeira e no Escudo de Armas do município, criados em 1958. Por sugestão do heraldista beneditino Paulo Lachenmayer, residente em Salvador, a bandeira e o escudo sofreram modificações relacionadas ao estabelecido na Resolução anteriormente descrita. No Jornal Oficial do município de Itabuna, de 14 de maio de

Escudo e bandeira criados em 1960



1960, foi publicada a Lei N. 457, de 4 de maio do mesmo ano, em seus artigos 1º e 2º, dizem:

> Artigo 1º - Fica reformado o Brasão de Armas do município de Itabuna, constante de um escudo de ouro, com três pedras pretas, lapidadas em suas facetas, tendo por insígnia uma coroa mural com quatro torres de prata e o lema "MERCES LABORUM-SUORUM", ouro num listel preto.
> Artigo 2º - É criada, também, a Bandeira do município de Itabuna em quadrado perfeito debruada em preto e ouro, com o fundo onde estão encravadas as três pedras de que trata o artigo anterior.

Dessa forma, a bandeira passou a ser amarela para significar a riqueza do município. As três pedras, em formato hexagonal, lapidadas, tendo cinco faces pretas e uma cinza, simbolizando a origem da palavra Itabuna (pedra preta). O escudo, com cores e pedras tendo os mesmo significados dos da bandeira, leva ainda a frase *MERCES LABORUM SUORUM*, expressão em latim que significa *trabalho se faz com suor*.

Devido à diversidade de formatos e questionamentos a respeito da bandeira e do brasão que circulavam, foi instituída uma comissão formada de onze integrantes[11] para pesquisar os símbolos heráldicos do município, por iniciativa do Secretário de Educação, Gustavo Joaquim Lisboa, através da portaria 22/2005

---

[1] Componentes da Comissão: Gustavo Joaquim Lisboa, Allan Salomão Moreira, Fernanda Amorim da Silva Reis, Genebaldo Pinto Ribeiro, Joaci Brandão, Alane dos Santos Souza, Flávio Simões Costa, Maria Palma Andrade, Janete Ruiz de Macedo, Paulo César Fontes Mattos, Aline Martins Gomes.

de abril de 2006. Esse estudo culminou com o projeto de Lei de Nº. 1.995, de 16 de fevereiro de 2006, aprovado pelo Legislativo itabunense e sancionado pelo prefeito Fernando Gomes. Segundo esta lei,

> O Brasão de Armas do município de Itabuna tem forma, composição plástica e a seguinte simbologia: é formado por um escudo dourado, com três hexágonos negros, cada um deles composto por seis triângulos equiláteros, compostos em consonância com as regras estabelecidas para a Bandeira do município (AGORA, 25 a 28 março, 2006, Banda B, p. 12).

Segundo esta Lei, os significados das cores e figuras constantes do Brasão e da Bandeira são os seguintes:

a) A cor dourada simboliza soberania, esplendor, grandeza, o cacau – a riqueza maior do município de Itabuna.
b) Os três hexágonos negros representam a etimologia do nome do município de Itabuna:

Brasão e bandeira atuais de Itabuna (reformulados em 2006)

Tupi-guarani: ita = pedra; una = negra; Itabuna = pedra preta.

c) A "coroa mural" de prata, com suas oito torres, representam a magnitude da cidade de Itabuna, distrito-sede do município.
d) A frase com grafia em língua latina: *MERCES LABORUM SUORUM* – TRABALHO SE FAZ COM SUOR, simboliza o esforço e o trabalho do povo itabunense para construção de sua identidade e cultura.
e) A inscrição 28 DE JULHO DE 1910 constitui uma referência histórica – a data da emancipação política do município de Itabuna.

Como se observa, comparando-se com os símbolos anteriores, as pedras têm suas partes todas em cor preta, e o formato da bandeira, que era quadrado, passou a ser retangular, porque, segundo a comissão que pesquisou e sugeriu as correções nos símbolos, orientada por Raul Breno Marquardi[2] através de videoconferência e *internet*, "bandeira quadrada é, na verdade, estandarte, muito utilizado na época medieval, colocado ns paredes dos castelos, abertos e presos em bastões. No Brasil todas as bandeiras são retangulares, isto é, têm um formato unificado" (AGORA, 21 a 24 de abril de 2006, p. 17). Com relação ao Brasão de Armas, o listel

[2] Heraldista do Rio Grande do Sul que orientou a comissão no sentido de tornar possíveis as correções necessárias nos símbolos do município, atualizando formas e cores de acordo com a heráldica atual.

inferior voltou a ter a data da emancipação do município, conforme o desenho original de Walter Moreira. Na parte superior do escudo continua o que foi definido na modificação feita em 1960, ou seja, constituída de

> "uma coroa mural" de prata, formada de oito torres, sendo visíveis apenas cinco delas, com suas portas e janelas negras, sendo que as três torres frontais são vistas por inteiro, enquanto as localizadas nas pontas são vistas pela metade. Essa "coroa mural" constitui o símbolo heráldico representativo da cidade (Lei Nº. 1.995, de 2006, artigo 2º, inciso III).

A comunidade de Itabuna, como forma de gratidão pelos trabalhos prestados por Walter Moreira, lembrando também de seu trabalho para desenhar os primeiros símbolos do município, inaugurou um quiosque na praça Olinto Leone, como um local para exposições e manifestações artísticas. O espaço foi denominado de Galeria de Arte Walter Moreira, inaugurado em 4 de junho de 1996, no Governo de Geraldo Simões, tendo à frente da Secretaria de Cultura, Davi Pedreira. A partir de 2001 a Galeria foi incorporada ao patrimônio da Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania (FICC). Em 2005, a FICC (sob a coordenação de Flávio José Simões Costa) e Agenor Gasparetto, assinaram um Convênio de Cooperação Cultural (Convênio Nº. 02/2005), para utilização temporária da Galeria de Arte Walter Moreira. Este convênio permitia o uso do espaço cedido temporariamanete, de modo a possibilitar sua utilização pela FICC para exposições toda vez que houvesse necessidade.

A partir do último governo municipal (2009-2012), com a FICC sob a direção do peota Cyro de Mattos, a administração da Galeira Walter Moreira voltou a ser gerida pela Fundação.

As figuras a seguir referem-se ao espaço mencionado.

Quiosque cultural Galeria de Arte Walter Moreira

Foto: Lurdes Bertol Rocha, 2008.

Placa de inauguração da Galeria de Arte Walter Moreira

Foto: Lurdes Bertol Rocha, 2008.

Como se pode concluir, Walter Moreira esteve sempre a serviço da cidade em que residia, retratando-a das mais diversas formas. Viveu para registrar sua cidade em telas para que ela não fosse esquecida, fosse amada e se eternizasse. E assim foi. E Itabuna, num gesto de reconhecimento, erigiu a Galeria de Arte Walter Moreira, a fim de que a arte tenha sempre um espaço para se manifestar, porque é através dela em seus mais diversos matizes, que um povo registra sua história, sua memória, pois um povo que não tem esses registros está fadado a desaparecer.

4. ITABUNA NAS TELAS DE WALTER MOREIRA: IMAGENS QUE FALAM

> *O olhar do pintor transfere o exterior para o seu interior, ao mesmo tempo em que lhe permite sair de si para ir ao encontro ao exterior (Rodrigues, 2000, p. 23).*

Em nossos dias a imagem é uma constante em todo tipo de comunicação. É praticamente impossível ler, ouvir, ter informações sem que haja uma imagem ou que ela se forme na mente de quem comunica e de quem recebe a comunicação. Isso pode se dar através de jornais, revistas, conversas, TV, livros, bilhetes, *e-mails*, *internet*, cartas, fotografias, mapas, telas de artistas, entre tantos outros meios. As imagens, segundo Pessoa (2001, p. 25), dividem-se em informativas e ilustrativas. Enquanto as informativas apresentam ou esclarecem um fato, a ilustrativa serve de reforço entre o fato expresso no texto e as informações que o leitor conhece. Apesar de haver essa classificação geral de categorias de imagens, não significa que seja uma divisão rígida, pois as imagens ilustrativas trazem informações da mesma forma que as informativas têm características ilustrativas.

Segundo Berger (1987, p. 63),

> Nenhuma outra espécie de vestígio ou texto do passado nos pode dar um testemunho tão direto sobre o mundo que rodeou outras pessoas noutros tempos [do que as obras de arte]. Sob este aspecto, as imagens são mais ricas e mais rigorosas que a literatura. Esta afirmação não nega a qualidade expressiva da arte. Como se a considerássemos uma nova prova documental, quanto mais imaginativa é a obra mais profundamente nos permite compartilhar da experiência que o artista teve do visível.

Para se entender as imagens representadas em obras de arte é necessário treinar o olhar. E o que é o olhar? É uma intenção de descoberta. "O olhar resulta e é resultado de nossa leitura sobre o mundo" (BARROS, 2000, p. 44). O olhar sempre se faz acompanhar do sentimento, da forma como se posiciona perante os outros, da visão de mundo de cada um, enfim, de como se observa. Portanto, no caso de olhar as telas de Walter Moreira, haverá para cada *olhante* uma interpretação e um sentimento que só a ele pertencem.

Através do olhar da arte deixada por Walter Moreira é-nos permitido usufruir o encantamento mágico do mundo da região cacaueira do Sul da Bahia. O artista deixou-se penetrar pelo espetáculo dos sons, cores e formas para só então realizar dentro de si os sinais que devolveu através da pintura, escultura, poesia, música. Pois, é através do olhar, segundo Rodrigues (2000), que é possível ao pintor transferir o exterior para o seu interior e, ao mesmo tempo, sair de si em direção ao exterior, num movimento de tinta e pincel sobre o plano chato do quadro, produzindo o reencontro de dois seres. Nesse movimento, o autor fica ausente de si mesmo para encontrar-se com o

mundo reproduzido na pintura. Ainda segundo este autor, "a pintura escancara o exterior, não pelos caminhos da sua opacidade, mas pela transparência do modo como ela se apresenta ao espírito" (p. 23).

As telas de Walter Moreira cobrem vários temas da Bahia, em especial, da região cacaueira e, de forma particular, de Itabuna, retratando cenas de sua paisagem das primeiras décadas do século XX. Suas imagens podem ser divididas em quatro categorias: 1) a cidade de Itabuna; 2) o Rio Cachoeira; 3) cenas do cotidiano da cidade e da vida rural; 4) personagens representativos da época. Ao lado de cada uma das imagens que retratam uma época passada, vivida e registrada no imaginário e transpostas para a tela, serão apresentados aqueles espaços em fotografias atuais (2008) para que se tenha uma ideia das mudanças que ocorreram nas paisagens ao longo do tempo. Em muitos casos, essas transformações conduziram à degradação do ambiente, trazendo consequências funestas tanto para a natureza quanto para os habitantes do lugar.

4.1 A CIDADE DE ITABUNA: RUAS, PRAÇAS, COTIDIANO

> *Emprestando o seu corpo ao mundo é que o pintor transforma o mundo em pintura (MERLEAU-PONTY, 1969).*

A cidade é um grande texto, cuja história está contida em objetos, ruas, praças, prédios, pontes, fotografias, telas, poesia, literatura, monumentos. A imagem da cidade se mistura, no imaginário das pessoas,

à coleção de lembranças de viagens, memória de infância, segredos encarnados em objetos (FREIRE, 1997).

Normalmente as pessoas usam a cidade só para exercer suas lides: circular, trabalhar, morar, estudar, comprar. Para elas, a cidade não se revela. Aos que a sentem, a conhecem, a enxergam, e não só a veem, a cidade se dá a conhecer através do significado de seus elementos, o que poderá acontecer, inclusive, através de imagens registradas por artistas locais.

Ver a cidade com os olhos da visão física. Ver a cidade com os olhos do coração. No primeiro caso, para saber situar-se, para saber andar pelos diversos pontos da cidade, para saber procurar. No segundo, para compreender, para aceitar, para amar. Com os olhos físicos, vemos a arrumação dos objetos no espaço: as ruas, as praças, os prédios, os monumentos, as casas. Com os olhos físicos, vemos as pessoas, os fluxos, o espaço real, o espaço virtual. Com os olhos do coração, vemos a importância dos bens que possuímos na cidade: nossa casa, nossa rua, nosso bairro, os monumentos, as praças, os equipamentos públicos, o trabalho dos moradores que já se foram, dos que estão, dos que virão. Com os olhos do coração, vemos que o que passou, conta. Porque, sem o passado, o presente não existe, e o futuro é uma quimera.

Foi com os olhos físicos, mas, principalmente, com os olhos do coração que o artista plástico itabunense/baiano/brasileiro, cidadão do mundo, viu e registrou o cotidiano da cidade em suas telas a partir de imagens que ficaram gravadas em sua memória a partir da década de 30 do século XX. Partindo desse registro artístico é que se pretende reconstituir a ocu-

pação de alguns lugares da cidade de Itabuna e, com isso, fazer uma radiografia que permita reconstituir o processo de evolução e ocupação do espaço urbano desta cidade grapiúna, já que o espaço é dinâmico, fazendo com que as paisagens tomem novas feições de acordo com as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais de uma comunidade. Para atender a esse objetivo será apresentada a história de alguns desses espaços/paisagens a partir das telas de Walter Moreira e de fotos atuais desses mesmos lugares.

4.1.1 Rua da Taboquinha

Uma rua pacata, o carroceiro e seu jegue puxando a carroça em tempo lento, a mulher com "lata d'água na cabeça". Em 1997, Walter Moreira extraiu de seu banco de imagens mentais esta cena dos idos de 1930. Nas imediações situava-se a rua Miguel Calmon, antiga rua da Taboquinha, atual Barão do Rio Branco. Vê-se, à esquerda, o canal Lava-pés, antigamente denominado de canal da Cidade, sobre o qual existia um pontilhão, substituído mais tarde pela ponte Dois de Julho. Existia, nesta área, um bambuzal, substituído por uma casa que abrigou a sede das Bandeirantes (na esquina sentido canal-Fórum da Justiça do Trabalho). Neste espaço encontrava-se, também, a Casa de Saúde Dr. Alício Peltier de Queirós, onde mais tarde passou a ser a Inspetoria de Trânsito, hoje ocupado pelo Centro de Capacitação para Educação, Trabalho e Lazer Professora Zélia Lessa. Este espaço deu lugar, também, em suas transformações, à atual praça da Bandeira e adjacências, local movimentado, próximo ao colégio Lúcia Oliveira.

Óleo sobre tela, de 40 cm x 65 cm (pintado em 1997).

Foto: Imediações da rua Barão do Rio Branco (antiga rua da Taboquinha, tendo em primeiro plano a sede das Bandeirantes (2008).

4.1.2 Rua da Areia

Óleo sobre tela, de 35cm x 65cm (pintado em 1991).

Foto: Proximidades do atual Banco do Brasil, tendo ao fundo a praça Olinto Leone (2008).

Esta tela apresenta a primeira rua que se formou em Itabuna (1904): um aglomerado de casas que foi se estendendo ao longo da antiga rua da Jaqueira, seguindo o curso do rio Cachoeira, até o ribeirão do Taboquinha. Esta paisagem ocupava a área em frente à ilha do Jegue, espaço ocupado pela Prefeitura Municipal e pelo Itabuna Esporte Clube, onde atualmente se encontra o edifício do Banco do Brasil, que, à época, funcionava numa casa de propriedade do Coronel Firmino Alves. Esta casa, antes de abrigar o Banco do Brasil, era ocupada pela Primeira Intendência Municipal (o que corresponde hoje à Prefeitura Municipal). Nesse mesmo local foi construída a primeira praça pública de Itabuna, a praça Olinto Leone. O espaço da praça havia sido ocupado, anteriormente, por um cemitério, e posteriormente, por um campo de futebol onde, aos domingos, jogavam dois times (Ipiranga e Rio Branco).

4.1.3 Alto Maron e Morro do São Caetano

Uma estrada de barro vermelho, rústica, ladeada pelo morro Alto Maron, à esquerda, e pelo morro de Caetano, à direita (1940) da imagem, e, no local, sentido bairro de Fátima- centro, hoje avenida Juracy Magalhães. Nessa estrada as marinetes (antigos ônibus) que circulavam entre Itabuna, Ilhéus e localidades circunvizinhas atolavam em períodos de chuva e, nos dias de sol, cobriam-se de poeira. O crescimento da cidade transformou esse espaço numa movimentada avenida ladeada de casas comerciais de significativa importância econômica. Ali ainda se

encontram alguns espaços vazios e resquícios dos morros acima citados.

Óleo sobre tela, de 60cm x 30cm (pintado em 1976).

Foto: Avenida Juracy Magalhães, sentido canal Lava-pés-Ilhéus (2008).

4.1.4 Praça Adami (sentido Cinquentenário)

Esta pintura de Walter Moreira retrata um trecho da praça Adami, a partir da parte mais alta, mostrando as construções do outro lado da atual avenida do Cinquentenário. O coqueiro ali presente ficava ao lado do Itabuna Esporte Clube, hoje ocupado pelo prédio do Banco do Brasil, junto à praça Olinto Leone.

Em 1904, o coronel Henrique Alves, atendendo o pedido dos comerciantes, ordenou o entulhamento de uma lagoa existente nas imediações do espaço acima representado. A partir dessa iniciativa, várias casas de tijolos foram construídas e uma praça (Adami) foi ganhando feições, principalmente por se constituir num prolongamento da então rua J. J. Seabra (hoje avenida do Cinquentenário). Esta cena está sendo representada no ano de 1929, quando o progresso se manifestava pela presença de várias casas comerciais e um carro (coisa rara) estacionado garbosamente na praça. A pintura foi feita retratando as construções onde se encontram as casas comerciais da avenida Cinquentenário. O Esporte Clube Itabuna ocupava a área onde se vê um coqueiro, hoje ocupada pelo prédio do Banco do Brasil.

Atualmente, a praça Adami (melhor seria chamá-la de Largo) está oficialmente registrada como praça Otaciana Pinto, "em homenagem à professora e parteira que, por seus feitos, recebeu o título de Cidadã Itabunense em 1960" (ROCHA, 2003, p. 136). A respeito dessa mulher, que foi importante para a comunidade da época, assim se expressam um escritor e um veículo de comunicação:

Óleo sobre tela de 50 cm x 30 cm (pintado em 1929).

Foto: Praça Adame, vendo-se ao fundo o prédio do Banco do Brasil, onde, na tela, aparece o coqueiro (2008).

> Professora Otaciana Pinto, induzida pelo nobre sentimento de servir mais que ser servida, dedicou-se à profissão de parteira e nesse sacerdócio tem assistido a milhares de parturientes [...] e ela tem criado centenas de crianças órfãs ou de pais paupérrimos, atingindo já a cifra de 260 crianças (GONÇALVES, 1960, p. 157; DIÁRIO DE ITABUNA, 10 de maio de 1960, p. 11).

Apesar de ser chamada genericamente de praça Adame, na realidade o espaço abriga três praças, assim distribuídas (ROCHA, 2003, p. 135-137):

- Praça Getúlio Vargas, em frente ao Banco Itaú, antes chamada de Arlindo Leone, onde, até a década de 1920, funcionava uma feira livre. Hoje é frequentada principalmente por pessoas que tentam fazer negócios dos mais variados matizes.
- Praça Siqueira Campos – em frente aos Bancos Real e Bradesco. Espaço ocupado principalmente para trânsito de veículos, pessoas e estacionamento de carros, é território de "flanelinhas", tendo sido antes ocupado por camelôs.
- Praça Adami – O restante do espaço em direção à avenida Cinquentenário. Área ocupada por estacionamento e *stands* para as mais diversas exposições e eventos.

Toda a área desse espaço, até a década de 1980, transformava-se no território dos carnavalescos. Também é utilizada, ainda, para a finalização de comícios, reivindicações sociais, paradas cívicas. Nas figuras a

seguir é possível vislumbrar as transformações desse espaço entre 1920-2000.

4.1.5 Ribeirão Lava-pés

Óleo sobre tela de 50cm x 30cm (pintado em 1976).

Foto: Início da Avenida Itajuípe (2008).

Esta era a paisagem do ribeirão Lava-pés em 1932, nas imediações onde hoje tem início a Avenida Itajuípe. O ribeirão, àquela época, tinha o apelido de ribeirão Levanta-saia porque, muitas vezes, as mulheres tinham que suspender a saia, e prendê-la, ao atravessar o ribeirão, para não molhá-la. Era um córrego tranquilo, de águas límpidas lançadas no rio Cachoeira, nas proximidades da atual avenida Beira-rio, confluência com a rua Rio Branco. Hoje, por força do crescimento urbano, foi canalizado para transportar o esgoto que a cidade produz e despejá-lo no rio Cachoeira, contribuindo para a poluição das águas e do ambiente. Em alguns trechos, o canal foi coberto e urbanizado, melhorando seu visual, mas não a poluição que ele contém e carrega.

Em homenagem a Itabuna, Walter Moreira também deixou poesias e poemas, tanto sobre a cidade quanto sobre os vários espaços que faziam parte de sua contemplação. Entre esses registros, em 1991, quando a cidade completava seus 81 anos, em 28 de julho, está o poema que se segue, publicado pelo Jornal *Agora* (Bloco 2; 23 a 29 jul. 1991, p. 1), em que deixa explícito seu amor pela cidade.

Poema a Itabuna
Walter Moreira

Tinha cinco anos quando nasci
Hoje tens 81 anos e eu 76.
Crescemos juntos
Não sei se envelheci...
Somente sei que hoje

És uma moça bonita
E eu cada vez mais
Apaixonado por ti.
Desejo que fiques
Cada vez mais linda
O teu futuro será promissor.
Na ânsia de minha paixão
De filho
É o futuro que te desejo
Amanhã,
Itabuna, meu amor!

Além deste itabunense, esta terra foi amada desde o início pelos que por aqui passaram e jamais a esqueceram. Isto pode ser comprovado pelas poesias de muitos poetas regionais que, em seus versos, pintaram e retrataram suas emoções, assim como o fez Walter Moreira nas telas. Em 1935, o jornal *O Intransigente* registrou os sentimentos do poeta José Bastos em relação a Itabuna e ao rio Cachoeira:

Minha terra natal! Que te abrasas e inundas
De tanto sol! Assim, entre agrestes verdores,
Do Cachoeira escutando os bravos rumores,
Como a Yara gentil dessas águas profundas!
Quanta poesia tens nas árvores jucundas
Que te cercam além! Nas casas multicores.
Que se alteiam brilhando, entre ramos e flores
E enchem de encanto e vida estas plagas fecundas.
Ah! Como eu sou feliz e me sinto orgulhoso
De um dia ter nascido em teu seio faustoso
Sob o esplendor de um céu de beleza tão rara!

De me ter embalado à cantiga e ao gemido
Do Cachoeira, que rola a água profunda e clara
Escumando aos teus pés como um jaguar ferido!

Em setembro de 1939 o mesmo jornal (SANTOS, 1939) trouxe os versos de uma itabunense, Waldete Santos, já moradora de São Paulo:

Itabuna! De ti quantas lembranças boas
Levamos pela vida, hospitaleiro lar!
Sempre a alegria de viver, bem alto entoas,
Banhando-te de sol, vestindo-te de luar...
Como faustosa e barulhenta, tu provocas
A nossa fantasia e te vemos, então,
Naqueles tempos, quando humílima "Tabocas"
Uma grande esperança, abrias no sertão
E rasgando o caminho-artéria alva e sonora,
Vencendo aqui, da mata um perigo aceso,
As grandes tropas vão, logo ao romper da aurora
Festejando a manhã do dia do progresso!
Não admira que à noite, enquanto misterioso
Medita o cacaual e a modinha se eleva,
De clavinete soem tiros e furioso
Um sangrento punhal risque a face da terra!
Terra de luz bendita! Havia em ti o anseio
De crescer logo! E confundias corações,
Humilde e bárbara escondendo no teu seio
Punhados quentes de ouro, um mundo de ilusões.
E cada filho teu vivendo entre os esplendores
Tinha só visões de ouro... e ao tempo em
[que inquietas
Desabrochavam as mulheres como flores,
Nascia o soluçar dos primeiros poetas.

Itabuna, de ti quantas lembranças boas
Levamos pela vida, hospitaleiro lar!
Sempre a alegria de viver, bem alto, entoas,
Banhando-te de sol, vestindo-te de luar.

E, assim, das mais diversas formas, Itabuna foi contada e cantada desde seu início. Hoje este amor ainda é expresso, como se pode constatar pelos cantares do poeta/advogado Ramon Vane que passeia pelas suas personalidades, praças, ruas, costumes, lugares.

Itabuna de corpo e alma
Ramon Vane

Itabuna una catibiribuna serramatutuna farifirifuna
Eu te emendo com o meu remendo e te arremedo
Tu me metes medo assim crescendo
Tendo tantos duros muros quanto submundos
Cérebros de peixe eu canto sobre pedras o meu tietar
O rio Cachoeira tão lindo se poluindo no seu tempo
[indo
Neste espelho eu vejo São Jorge Guerreiro descendo
[da lua
Pra te clarear
Tens todos os santos que te acalmam os prantos
No Terreiro de Oxalá
ABC da Noite no dia tem batida
Com papo palestra do Caboclo Alencar
AM FM jornais regionais e duas geradoras de TV no ar
Gosto do teu sorvete Danúbio que derrete em frutas
Teu rico paladar

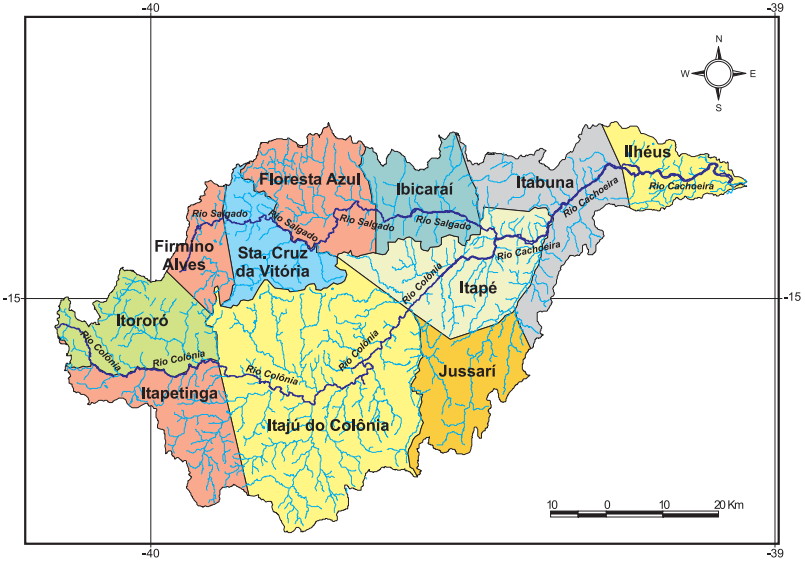
E releio tuas notícias sorvendo um gole do Café Pomar
Tanto burburinho sem o Castelinho sem o Teatrinho
E nem mais cinemas o que é pior
Mas seja nas ruas ou no Jardim do Ó
Com poesia e grito o teu povo aflito só quer o melhor
Desfile fanfarra na Cinquentenário
[que é sempre o farol
Carnaval antecipado arregaçado futebol
Some medo que São José lá na Catedral
[já de mim tem dó
No Fórum Ruy Barbosa tua justiça é uma só
Praças que fervilham Olinto Leone José Bastos
[Adami Camacã
Onde pega-se ônibus pra todos os bairros
Do São Lourenço a Jaçanã
Pois depois da festa o Galo Vermelho fica aberto até
[a manhã
De Ferradas o eco Nova Ferradas é repeteco
Santo Antonio São Pedro São Judas Tadeu cada
[um é teu
Viva tua arquitetura é tão vária
Da Prefeitura à Rodoviária esta cidade é
[extraordinária
De Jorge Amado estribilho
Eu brilho no Centro de Cultura Adonias Filho
Depois eu tomo um porre lá no Tico Tico
Que já é caminho pro São Caetano
Que tem festa gorda de ano a ano
Tua beleza? Lembranças nunca apagadas
De tuas misses as mulheres as presentes as futuras
[e as passadas
Que seja luz o tempo inteiro tua Valdelice Pinheiro

Tão bom subir descer no Alto Maron
Passear no Jardim Vitória ou sob as sombras da Góes Calmon
Pontalzinho central caminho
Maria Pinheiro não foi o primeiro
Mas nem tudo são flores na Vila das Dores
URBIS IV Nova Itabuna Lomanto Sarinha
Vila Anália Bananeira Zildolina Mangabinha
Coco dendê cacau atroz açoite
Acarajé e chocolate são cheiros de tua noite
Mutuns é muito longe do Lugar Comum
E Firmino Rocha lá na ONU
Um ponto de concórdia
A centenária Santa Casa de Misericórdia
Teus becos tuas pontes tua luz
Conceição do Amor Divino sempre amado
Câmara de tua lei no Espaço Cultural achou
[lugar desocupado?
E tudo termina sem ira
Lá no Cantinho da Mentira.

4.2 RIO CACHOEIRA

A bacia hidrográfica do rio Cachoeira, formada pelos rios Cachoeira, Colônia, Salgado e seus afluentes, abrange uma área aproximada de 4.600 km², no litoral sul da Bahia. Limita-se, ao norte, pelas bacias dos rios Almada e das Contas, ao sul, pelas bacias dos rios Pardo e Una, a oeste, pela bacia do rio Pardo, e a leste, pelo oceano Atlântico.

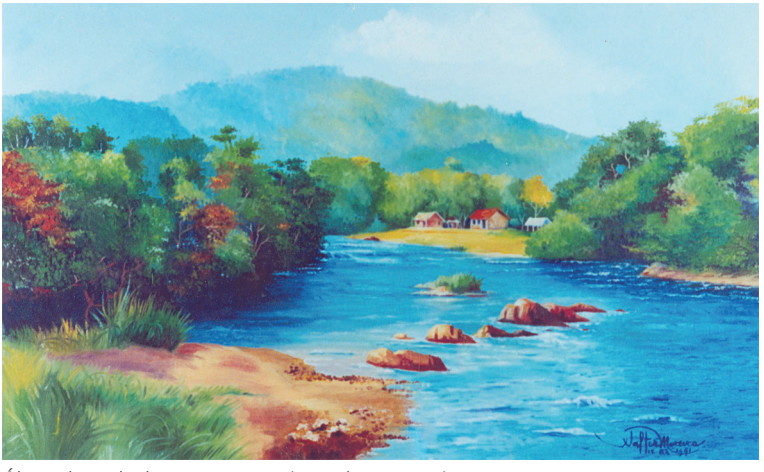
Bacia do Rio Cachoeira



Fonte: Banco de Dados NBH, 1999

O rio Cachoeira forma-se a partir do encontro das águas dos rios Colônia e Salgado, próximo à cidade de Itapé. A partir desse ponto, num percurso de aproximadamente 50 km, banha terras dos municípios de Itapé, Itabuna e Ilhéus. Neste último, suas águas misturam-se às dos rios Fundão e Santana, na localidade conhecida pelo nome de Coroa Grande. A maior parte de seu leito é rochoso, apresentando declividade acentuada e diversas corredeiras de pouca importância. Apesar de seu nome, só possui uma cachoeira de destaque, a cachoeira Pancada Formosa, situada na fazenda São Jorge, próximo à cidade de Ibicaraí, com uma altura de 12 metros (OLIVEIRA, 1997).

4.2.1 Rio Cachoeira – Mutucugê/Morro dos Canecos



Óleo sobre tela de 80cm x 50cm (pintado em 1990).

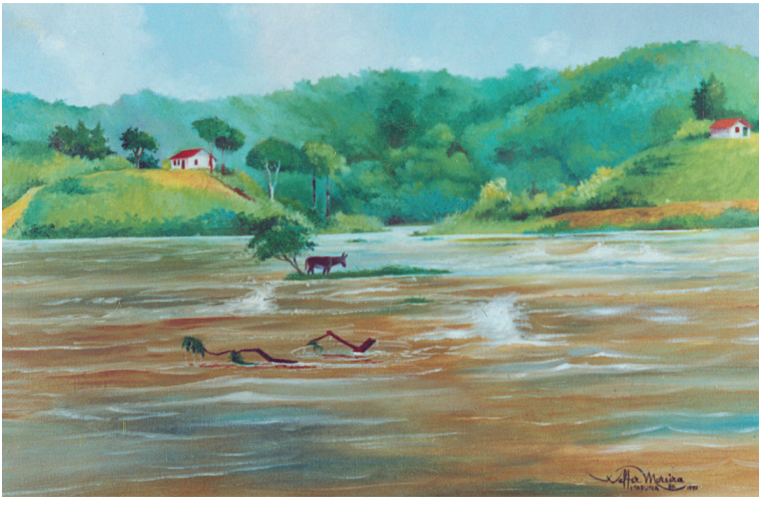
Foto: Aspecto atual do Rio Cachoeira, acima rep representado na tela, tendo ao fundo o morro dos Canecos (2008).

A tela, pintada por Walter Moreira em 1990, retrata a paisagem geográfica de 1929. Neste local, que corresponde a uma área do atual bairro Conceição, o rio Cachoeira formava uma série de correntezas, com pedras pretas à mostra, sequeiros, bem como bancos de areia, dos quais ainda existem alguns até hoje. À época, esses bancos de areia eram chamados de praias. Ao fundo, à margem esquerda do rio, avista-se o morro dos Canecos, onde hoje se encontram emissoras de televisão, além da expansão urbana. As margens do rio eram ladeadas por árvores que o protegiam do assoreamento, além de formar um belo espetáculo pela presença de ipês com seus vários tons de flores.

A foto retrata a paisagem atual referente à pintura de Walter Moreira, vendo-se ao fundo o morro dos Canecos ocupado pela expansão. Notam-se as margens desnudas, o que passa uma sensação de tristeza.

4.2.2 Ilha do Jegue na enchente de 1920

O rio Cachoeira já sofreu várias enchentes, o que levou o governo a construir um cais às suas margens, no centro da cidade, a fim de conter as águas, evitando a repetição de prejuízos materiais e humanos causados pelas enchentes de 1914, 1920 (retratadas na pintura a seguir), 1947, 1968 e 1969 (COSTA, 1995). Este autor, um dos pioneiros da construção da cidade, temia seu desaparecimento em função das constantes enchentes, "assim como os esforços dos proprietários dos bairros em franca prosperidade como João Mangabinha, Zildo Guimarães e outros, fruto de trabalho de tantos anos daqueles que deram toda a sua parcela



Óleo sobre tela de 80 cm x 50 cm (pintado em 1990).

Foto: A ilha do Jegue em estado avançado de degradação (2008).

de trabalho a bem da grandeza desta grande cidade" (p. 180). E completa sua angústia com receio de que, se não fossem tomadas as devidas providências, no futuro talvez tivesse que indagar: "cadê Itabuna e Itapé? E com tristeza estampada nas faces não termos o que responder. O Cachoeira levou-as para Ilhéus" (COSTA, 1995, p. 181).

A ilha representada na tela chamava-se inicialmente de ilha do Aristeu. Na cheia de 1920, as águas chegaram com muita rapidez, não dando tempo de retirar um jegue que nela pastava placidamente. Durante quase uma semana o animal teve que ficar confinado, rodeado de água por todos os lados, alimentando-se do capim que ficara na parte mais alta da ilha. "O prisioneiro solitário do rio teria ficado ali até as águas baixarem e ser resgatado com cordas por pessoas que acompanharam, preocupadas, a paciência do animal, resistindo à fúria do rio" (ROCHA, 2003, p. 70).

Atualmente a ilha é um pequeno monturo, cuja vegetação formada de bambus está desaparecendo devido á grande quantidade de garças que ali se abrigam. Seus excrementos, de alta acidez, inviabilizam a proliferação das plantas, tornando o ambiente hostil a novas espécies e deixando um aspecto sombrio, e nem de longe lembra sua beleza dos tempos retratados na tela.

O artista-pintor-poeta assim justifica o registro do rio Cachoeira em suas telas:

[...]
Retratei-o em minhas telas
Para que ninguém tirasse você da minha cabeça
Nem do meu coração.

Nem do coração das pessoas
Nem do coração das crianças, principalmente.
[...]
Porque você foi e sempre será uma fonte natural
Por isso insubstituível na vida dos homens.

Atualmente a rio Cachoeira encontra-se muito degradado, com presença constante de baronesas (aguapés), plantas indicativas de alto teor de poluição. No entanto, com vontade política e a colaboração dos habitantes das cidades que se encontram ao longo de seu percurso, suas águas poderão novamente oferecer condições de nele se desenvolver a vida que lhe foi ceifada.

4.2.3 Homenagem ao rio Cachoeira

A Tela Poema, a seguir, é uma homenagem ao rio Cachoeira que, apesar das agressões dos moradores das cidades ou dos campos que ocupam suas margens, segue impávido, levando suas alegrias e suas tristezas, diluídas em suas águas, para o mar, purificando-as na salinidade marinha, voltando depois em forma de chuva, pela evaporação, num processo eterno, enquanto houver vida em seu leito.

O rio Cachoeira

Poema de Plínio de Almeida (1904-1975)
e ilustração de Walter Moreira (1915- 1999)

E as águas que vêm do lado do Oeste,
E enchem, com raiva, o dorso do rio,
Nos lembram sussurros do negro cipreste,
Se os ventos lhe passam
Nas folhas miúdas,
Perdidas nas noites
Vestidas de frio...
O rio Cachoeira raivoso rebrama
Reclama nas pedras, impando no enxurro;
Rolando rouquenho, lá vai babujando
Arcadas de pontes, rebelde e casmurro.
Lá vai, cobra imensa de dorso ondulante,
Com sobras de água enchendo os caminhos.
Agora não espelha a mata distante;
Agora é furor descendo em caixão,
Agora é só água malvada e gritante,
Enchendo a fartar covancas do chão.
Mas logo que o tempo de novo melhore,
E o sol nas alturas comece a esplender,
O rio Cachoeira, descendo do Oeste,
De novo terá seu manso correr.
De novo será espelho da mata,
De manso entre pedras tranqüilo a manar,
Aqui uma queixa,
Ali um murmúrio,
Além a cascata, pequena a cantar...
Depois...
Ah! depois as águas raivosas,
As águas eternas, salgadas do mar!

Fonte: Tela Poema. In: abxz – Caminho das Letras, dez 2005, p. 12.

Em agradecimento e, também, numa homenagem ao rio de sua cidade, o poeta Cyro de Mattos deixou-lhe um agradecimento:

Ao rio

Eu te agradeço meu rio
Porque me ensinaste
Pelas mãos do pescador,
Lavadeira e areeiro
Foste sempre uma dádiva
Que suspensas as tropas
Em suas trilhas aladas
Se perderiam nas estradas,
Pelas águas tão escuras
Desceriam roupas brancas
Sem que novas correntezas
Pudessem remover as manchas
E na voz do aguadeiro
Anunciando madrugadas
Só de areia pura
O efêmero a margem
Ante o eterno que passa.

(MATTOS, 2001, p. 50).

Contudo, observando a degradação do rio causada pelos dejetos lançados, pela população, em suas águas ao longo de seu percurso, numa atitude de desrespeito para com a natureza e para consigo mesma, o poeta relembra a infância em suas águas límpidas e chora sua morte lenta.

Foto: O rio Cachoeira sofrendo os efeitos da poluição, transformado num receptor do esgotamento sanitário da cidade (2006).

Rio morto

Vejo tua face invisível
na claridade das águas,
espumas lavadeiras nas pedras
diversicoloridas de roupas.
O céu azul de nuvens mansas,
a lua derramando prata
no areal deixado pela cheia.
Eu sou aquele menino
que engoliu tua piaba
para ter o fôlego forte.
Eu sou aquele menino
que pegou tuas borboletas
nos barrancos voando em bando.
Eu sou aquele menino

que sentiu em tuas boninas
a proposta livre da vida.
Eu sou aquele menino
magro, esperto, traquino
em tua paisagem luminosa.
Não havia, amor, dúvida.
Ares sombrios e pegajosos
cobrindo tua ilha com tesouro
guardada por almas de pirata.
Nessa manhã de banho ausente,
susto nos peraus e remansos,
o sol sem vidrilhar a correnteza,
tristes meus olhos testemunham
tua descida pobre e monótona.
Tua morte lentamente com sede
inventada nas bocas de vômito...
Cachoeira o teu nome
do rio que chora água.

(MATTOS, 2001, p. 52).

4.3 CENAS DO COTIDIANO DA VIDA RURAL E DA CIDADE

4.3.1 Primeiras tabocas

Óleo sobre tela de 60 cm x 40 cm (pintado em 1983).

A história de Tabocas (hoje Itabuna) não apresenta registros escritos de seus primórdios. Os primeiros dados foram armazenados pela oralidade, depois coletados e registrados de maneira formal por José Dantas de Andrade (ANDRADE, 1968) e por outros. É pacífica a versão de que os pioneiros que chegaram ao local onde se iniciou a povoação foram os sertanejos Félix Severino de Oliveira e Manuel Constantino. Aqui arrearam seus pertences e escolheram o lugar para a construção de uma cabana, seu primeiro abrigo nessas paragens. Iniciaram, então, a derrubada da mata para dar lugar a pequenas roças de cacau, denominadas de "tabocas". Para o artista, a cena que ele registrou nesta tela representa o cotidiano dos primeiros "burareiros",

os primeiros passos dados em direção a um futuro promissor da região cacaueira. A casinha de sapé, a terra, o cacau, o homem, a mulher, numa ciranda para adquirir o pão da vida com o suor de seu rosto.

4.3.2 Rio Icó

Óleo sobre tela de 40cm x 50cm (pintado em 1986).

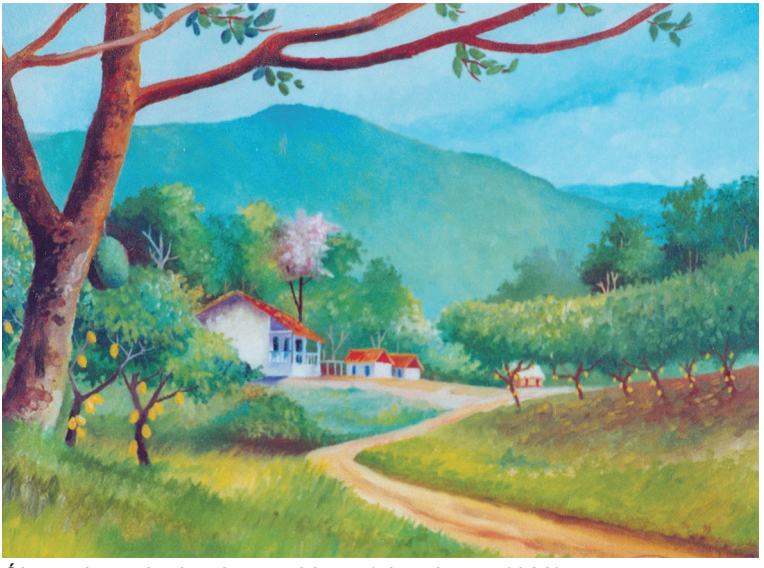
Foto: Rio Icó transformado em esgoto – bairro São Caetano (2008).

O rio que corre lânguido nessa paisagem bucólica é o rio Icó, também denominado de Ouriço ou Oricó, afluente do rio Cachoeira, localizado nas imediações da atual avenida Manoel Chaves, no bairro São Caetano. Hoje é um triste canal de esgoto a céu aberto, fétido, que deixa a população incomodada com os miasmas que dele emanam. Em seu leito já correu água pura. Comentando este quadro, segundo relato da filha Elisabete Moreira, assim Walter Moreira se expressava:

> Nas minhas andanças e *bolinagens* (grifo nosso) de menino, muitas vezes molhei os pés em suas águas e escorreguei por suas pedras. Era um riozinho que, em determinados locais, corria entre escarpas altas e barrancos em suas margens, como próximo à avenida Manoel Chaves mas que, nas proximidades do São Caetano apresentava trechos que davam passagens lindas, como esta da paisagem. A minha mente de menino jamais poderia esquecer.

4.3.3 Frutos do nosso chão: o cacau, a jaca

Esta imagem da tela refere-se a uma roça de cacau situada nas proximidades de Boqueirão (Ferradas). Juntamente com o cacaueiro com seus frutos de ouro, a jaqueira tinha seu lugar, pois, além de fornecer uma fruta muito apreciada pelos itabunenses (chamados, pelos ilheenses da época, de "papajacas"), abrigava sob sua sombra o cacaueiro, que dela necessita para melhor se desenvolver. Para Walter Moreira, "esses frutos constituem-se em sabores regionais que embalam a nossa cultura, os sonhos de



Óleo sobre tela de 40 cm x 30 cm (pintado em 1988).

Foto: Trecho da BR-415, proximidades de Ferradas (2008).

nossa gente e preservaram a Mata Atlântica", pelo menos, em parte.

Para Pereira Filho (1960, p. 74), "a vantagem do cacaueiro é que ele serve ao homem sem se importar com o carinho do homem. Cresce, flora, carrega o ano todo, quase sem descanso. Trabalha, dia e noite, sem repouso. Mal acaba de ser colhido, começa a florar, mal acaba de florar, começa a produzir os frutos, que valem ouro". Infelizmente o tempo mostrou que a terra se esgota e precisa da reposição dos nutrientes, mesmo em se tratando de planta tão generosa.

Neste local passa, hoje, a BR-415 e, em suas margens erguem-se algumas casas e ainda permanece o aspecto rural.

4.3.4 Pisoteio do cacau

Óleo sobre tela, de 40 cm x 60 cm (pintado em 1997).

Fotos: A barcaça cheia de vida, hoje, abandonada (2008).

O artista, para registrar essa imagem, buscou inspiração nas barcaças de uma fazenda localizada nas imediações do distrito de Mutuns. Os homens pisoteiam as amêndoas do cacau para que fiquem lisas e brilhosas. Cantam enquanto dançam sobre as sementes, espalhando-as e revirando-as a fim de que percam a umidade: "O cacau é boa lavra / eu vou colhê. / Na força do verão / eu vou vendê". Eram muito comuns também trovas relacionadas ao trabalho com o cacau, como as que se seguem:

Vivo sempre em lufa-lufa
Remexo cacau no cocho,
E racho lenha pra estufa.
Sou agregado da casa
Vivo sempre em lufa-lufa
Remexo cacau no cocho,
E racho lenha pra estufa.
Pisa depressa o cacau aí,
Não se importe com o calô
Depois vai se pô no saco
Mode embarcá no vapô.

(ANDRADE, 1979, p. 127-128).

Walter Moreira tinha um carinho especial por esta imagem e pelo que ela representa. Assim ele se expressava ao contemplá-la: "Não se pode deixar de retratar essa imagem fantástica que mais parece um ritual dos deuses que, nos meus olhos de artista, brilham e bailam num ritual de movimentos místico que me encanta. É a cultura do cacau. É a vida da minha gente. É a minha vida".

Na visão de Pereira Filho (1960, p. 117), contudo, essa cultura trazia a contradição, pois, "pobreza e riqueza se misturam na grande cidade. Os ricos desfrutam a fortuna, conquistada com as safras do cacau, que é o ouro da terra. Os pobres se agitam e trabalham, na esperança de um dia alcançar a riqueza".

Pelas imagens da foto da mesma paisagem é possível perceber a degradação, o abandono e a falta dos pés cantando e dançando sobre as amêndoas de cacau. A barcaça está só, com os frutos secando sem a companhia alegre dos trabalhadores que agora se encontram amontoados na periferia das cidades da região ou amontoados sob lonas pretas ao longo das estradas, sem perspectiva da volta aos bons tempos da fartura nas roças de cacau.

4.3.5 Vaqueiro conduzindo a manada (pintado em 1989)

Ao amanhecer e ao entardecer, geralmente em número de dois ou três, os vaqueiros conduziam a boiada por entre os ramais que ligavam as fazendas, levando os animais para o pasto ou para o curral. Os vaqueiros distribuíam-se na frente e atrás da boiada, para que os animais não se dispersassem. "Eh! Hê boiada"! Esta cena se dava nas imediações de Mutuns.

Em 1973, o pioneiro José Pereira da Costa, revoltado com a matança de vacas que ainda estavam em plena forma para reprodução, assim se expressou:

> (...) lancemos um apelo às autoridades de nosso país no sentido de ser decretada, irrevogavelmen-

Óleo sobre tela de 60 cm x 40 cm.

Foto: Na estrada de Mutuns, o cavaleiro sem a boiada e sem a pujança do cacau (2008).

> te, a proibição da matança de vacas prestáveis para criação [pois] só se matava uma vaca se ela estivesse com os seus quatro peitos perdidos ou caduca pela idade. Sendo que a carne e os demais produtos derivados jamais subiram de preço. Porém, agora estamos assustados em ver uma alta desenfreada dos produtos do boi e sua carne amanhã passar a ser objeto de luxo que o pobre jamais poderá adquirir (COSTA, 1995, p. 181-182).

O apelo deste autor foi seguido de uma poesia a que deu o título de "Poema do boi", por ocasião da visita do Presidente Médici à região (p. 183):

Convém aproveitarmos a presença do nosso
presidente Médici, homem da justiça e
entregar este apelo, última solução
deste grave problema. Porque:
[...]
A vaca nos dá o leite
o queijo e o requeijão
os filhos para o trabalho
a manteiga para o pão
o couro para o sapato
carne para alimentação.
[...].
O doce de mocotó
pra quem está com fraqueza
língua e beiço no feijão
é mesmo uma grandeza
fato cozido e assado,
é comida da pobreza.
Da vaca nada se perde

todos sabem quanto eu sei
que até com sua caveira
se brinca em noites de Reis.
O osso dá o tutano
a farinha pra adubo
a moqueca de miolos
está acima de tudo.
O sebo para o sabão
vejam como serve ao mundo.
[...]

MATTOS (2002, p. 73), numa linguagem mais sofisticada, assim deixa sua homenagem ao boi:

A nuvem, a ave,
A brisa, o bosque,
O sabre, o salto,
O coito, a clave.

O faro, a fera,
O chifre, o coice,
A cerca, a canga,
A lei, o laço.

O dono, o doido,
O baque, o abate
O quilo, o couro.

Na lata a pasta,
Na caixa a queixa
Do verde ecoando

4.3.6 Aguadeiros do rio Cachoeira.

Óleo sobre tela de 70 cm x 50 cm (pintado em 1991).

Foto: Essas águas estão poluídas e não servem mais para qualquer tipo de uso (2008).

A imagem retratada nessa tela mostra a localidade do Cajueiro, antigo Caldeirão Sem Tampa, atual bairro de Fátima. Em suas imediações funcionava a usina Luz e Força de Itabuna. Esses aguadeiros prestavam dois tipos de serviço: "água para gasto", que era retirada do rio Cachoeira, e "água de beber", que provinha de cisternas de "água doce" chamadas de *cacimbas*. Como na época a cidade tinha carência de água potável, já que ainda não era tratada, aguadeiros enchiam os *carotes* que, transportados pelos jegues chegavam à casa de quem havia encomendado a *água-de-beber* ou a *água-de-gasto*. Assim se expressou a esse respeito um morador antigo:

> Esses carotes, recipientes presos aos jegues, eram presos numa cangalha, tipo de bagageiro e monta para o aguadeiro, pois que os animais ao mesmo tempo lhes serviam de transporte e lá se iam vender nas casas das famílias itabunenses, porque o serviço de água era bastante precário. Existiam dois tipos de atendimento por esses aguadeiros: água para gasto que era retirada do rio Cachoeira, do jeito que mostra o quadro, em que os carotes eram mergulhados no rio e logo após tampados com rolha de madeira rústica, e água de beber que era retirada das cisternas de água doce, chamadas de cacimbas aqui na cidade. Vê-se na paisagem uma pontezinha estreita que ainda hoje existe sobre um córrego, afluente do rio Cachoeira; naquela época era um pontilhão de madeira, próximo à atual ponte Calixo Midlej (Ponte Nova, que liga o bairro de Fátima ao Conceição, à esquerda, acesso à rodovia 415, que leva a Ilhéus).

Este personagem mereceu uma deferência especial nos versos do poeta Cyro de Mattos:

O aguadeiro

Não sei o que era melhor
se a água fresca e boa
ou a limpidez de sua voz
anunciando a manhã cristalina.

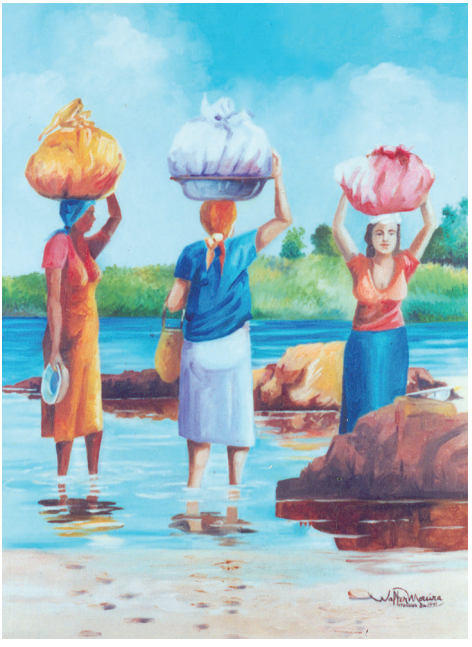
Água boa
pela voz límpida
na manhã fresca
Água do Mutucugê.
Água pura.
Melhor só no céu.
Matava nossa sede
No bebedouro da vida.

(MATTOS, 2001, p. 38).

A água pintada pelo artista e cantada pelo poeta hoje não mais existe, pois está poluída, correndo num rio triste e degradado, depósito dos dejetos produzidos pela população e nele jogados sem a mínima preocupação quanto ao mal que causará aos habitantes da cidade, ao rio, à rala mata que o margeia.

4.3.7 Lavadeiras do rio Cachoeira

A história das lavadeiras, mulheres simples, guerreiras, que ganhavam o pão de cada dia para sustentar sua família lavando roupas das famílias mais abastadas, mereceram uma homenagem especial do artista. Além de usarem a água para tirar a sujeira da roupa,



Óleo sobre tela de 65 cm x 50 cm (pintado em 1991).

Foto: No lugar de água limpa, poluição e degradação das margens do rio (2008).

utilizavam-se também das pedras pretas que afloravam para bater, esfregar, coarar e enxugar as roupas, levando-as em seguida para casa, para passá-las a ferro e depois levá-las, na cabeça, a seus respectivos donos. Walter Moreira assim descrevia essas mulheres:

Mulheres guerreiras, heróicas, frágeis, fortes.
Santas mulheres.
Santas Marias na terra
Lutando para ganhar o pão-de-cada-dia.
Mulheres que, de sol a sol.
Batiam nas pedras do rio Cachoeira
As roupas ensaboadas para tirar a sujeira
Roupas de suas famílias
Roupas de seus patrões.
Bacias pesadas sobre corpos magros
[e desnutridos
Trouxas imensas sobre as cabeças
Num equilíbrio quase sobrenatural.

4.3.8 Canoeiros do rio Cachoeira (pescadores e areeiros)

Os canoeiros aqui retratados pescavam e recolhiam areia do leito do rio na Marimbeta, atual bairro da Conceição. Eram homens rústicos que acreditavam encontrar o seu peixe no velho Cachoeira ou seu sustento na areia que tiravam e punham no meio da canoa para vender em medidas de lata de querosene para as construções. O transporte era feito no lombo de jegues. Ao contemplar sua obra, Walter Moreira pensava em

Óleo sobre tela de 50cm x 65cm (pintado em 1991).

Foto: Sob a ponte, ao invés de água límpida, mais poluição (2008).

voz alta: “Rema canoeiro do rio Cachoeira, rema, joga a rede, o anzol, ou mesmo mergulha à procura do peixe. E eu, como pescador das cores, pesco essa paisagem maravilhosa que vislumbrei há décadas, quando ainda eras um rio grande de uma cidade pequena”.

Já em 1960 assim se expressava a respeito das mudanças de Itabuna, Pereira Filho: (1960, p. 114): “Quão diferente é esta Itabuna de hoje, da Tabocas do passado ou daquele povoado que surgiu com Militão Francisco de Oliveira, Firmino Alves, Maximiliano Oliveira e outros, à margem do Cachoeira, no lugar Marimbeta!”

4.3.9 Entregador de leite

O vendedor de leite fazia parte das cenas urbanas de Itabuna, cuja tarefa era distribuir o produto todas as manhãs, de porta em porta nas ruas e vielas da cidade na década de 1950. Esta cena foi retratada na rua em frente ao atual colégio IMEAM, próximo ao antigo matadouro, no bairro de Fátima (antigo bairro Cajueiro). O espaço que era ocupado pela casa da cena hoje é uma área abandonada onde se acumula lixo, em frente ao colégio municipal, IMEAM. Vê-se ao fundo parte do prédio do antigo supermercado Messias, hoje o Meira.

4.3.10 Vendedor ambulante de produtos da roça

Nesta tela, de 1953, Walter Moreira se auto-retrata pintando letreiros, à esquerda da imagem, no alto da escada, já que também executava este tipo de trabalho nas fachadas das casas de comércio da época. O vendedor ambulante de produtos da roça senta-se

Óleo sobre tela de 35 cm x 27 cm (pintado em 1955).

Foto: Rua em frente ao IMEAM, com espaço vazio no lugar da casa da tela (2008).

Óleo sobre tela de 35 cm x 27 cm (pintado em 1953).

Foto: Juizado de Pequenas Causas, à rua Ruffo Galvão (2008).

na calçada para contemplar o trabalho do pintor, como normalmente acontecia. Esta cena representa a área onde funcionava o Banco do Brasil (prédio ao fundo, à esquerda) hoje ocupado pelo juizado de Pequenas Causas (foto à direita). Segundo a filha Elizabete, Walter dizia: "Sempre sonhei, desde menino, com a minha cidade toda enfeitada, as casas comerciais com letreiros bonitos, publicidade bem apresentada das nossas casas comerciais, como se nós fôssemos uma grande cidade, uma grande capital". Por isso, não media esforços para fazer belas imagens.

4.4 PERSONAGENS

O artista, com sua sensibilidade, deixou como legado, em suas telas, alguns personagens-símbolo desta terra: 1) índio; 2) baiana; 3) meninos degustando as frutas que representavam a riqueza (cacau) e o alimento diário dos trabalhadores (jaca); 4) menina da roça; 5) o circo.

4.4.1 Jovem índia

O espaço hoje ocupado pela região cacaueira era uma imensa área verde formada por floresta virgem, território dos índios das tribos Pataxó, Guerém e Camacã. Estes povos foram forçados a se embrenhar cada vez mais longe, na mata, pois os chamados desbravadores, alheios ao direito dos primeiros habitantes de ali permanecerem, foram abrindo clareiras, desmatando o que viesse pela frente para implantar sua agricultura.

Óleo sobre tela de 50cm x 60cm (pintado em 1972).

Os desbravadores contribuíram para diminuir drasticamente a população dos nativos, tirando-lhe o direito à terra e à vida. Walter Moreira sentiu-se na obrigação de pintar esta bela índia, em homenagem ao povo que primeiro habitou esta terra e se constitui num dos pilares da formação étnica do povo brasileiro.

4.4.2 Glorificação à baiana itabunense

Óleo sobre tela de 65cm x 50cm (pintado em 1989).

Foto: Prédio onde está o Café Polar, esquina da rua Oswaldo Cruz com a avenida Cinquentenário, em frente à praça Santo Antônio.

A vendedora de acarajé, sempre vestida de roupas típicas, lembra a cultura africana, mas também se tornou um ícone da Bahia. Walter retratou este ícone da forma tradicional, mas também representando a região cacaueira. No primeiro caso, a baiana vestida com seus trajes típicos foi inserida numa paisagem que lembra as primeiras manifestações sociais de Itabuna. Trata-se do Café Polar, situado na esquina da rua Oswaldo Cruz com a avenida Cinquentenário, ao lado da Igreja Santo Antônio, em frente à praça de mesmo nome. Neste espaço aconteceram nos primórdios da formação da cidade, os eventos sociais mais importantes, como os casamentos e as festas religiosas. Na segunda tela a baiana aparece na tela cuja paisagem refere-se à praça Adami, nas imediações da rua Ruffo Galvão, vendo-se ao fundo o prédio do Fórum Rui Barbosa. Ela aparece vestida com roupas ornamentadas com frutos e folhas do cacaueiro. Com isso o artista quis enaltecer uma cultura que já representou a principal riqueza da região, cuja saga traduz a história da gente grapíúna. Segundo o artista, o cacau encerra a trajetória da região cacaueira, cujos desbravadores romperam a mata, abriram covas e plantaram a semente dos frutos de ouro que resultariam nas árvores do progresso, da riqueza, da pobreza, do fausto, das crises e, quiçá, de um novo porvir.

4.4.3 Meninos comendo frutas

Essa imagem leva à essência das raízes dessa região, assim como fizera, já no século XVII, Esteban

Óleo sobre tela de 1,30 cm x 1,90 cm (pintado em 1990).

Fonte: Esteban Bartolomé. Sevilla, 1682.
http://onarthistory.blogspot.com (Acesso em: 09 jun. 2008).

Bartolomé Murillo, em sua tela *Boys Eating Fruits* (*Grape and Melon Eaters*) "Meninos comendo frutas – uva e melão", em que deixa registrada a cena de meninos pobres alimentando-se dos frutos da terra, a uva e o melão..

Walter Moreira, usando a mesma imagem dos meninos de Bartolomé, quis representar os filhos da região cacaueira alimentando-se dos frutos-símbolo desta terra: o cacau e a jaca. Como num ritual, as pessoas tinham o costume de sentar-se sobre um tronco caído ou um banquinho sob a sombra de uma árvore para se alimentar das polpas do cacau e da jaca, como se fossem dádivas dos deuses. Era assim que Walter via sua gente: a jaca sendo provada como se fossem numa bandeja com favos de mel, cujos pedaços eram içados à boca com um rústico e improvisado palito, esculpido com uma faca, para comer adequada e religiosamente aquele presente dos céus. Ao contemplar essa cena, Walter Moreira assim se expressava:

> É um momento essência, um momento seiva da terra do Sul da Bahia, que só os filhos desse chão, os filhos do cacau, sabem usufruir. É um contato dos pés, de todo o corpo e da alma grapiúna com a natureza. Esse é um instante mágico que levarei comigo onde eu for, porque amo isso tudo, terra e gente. Esse é um instante eterno e único que precisa ser registrado com todas as suas emoções e cores, e é o que farei, como posso, através do meu pincel de artista para que as futuras gerações conheçam a força de sua origem e se orgulhem de suas raízes, de serem remanescentes dessa gente valorosa das terras do cacau, das terras do Sul da Bahia.

4.4.4 A infância

Óleo sobre tela de 50 cm x 60 cm (pintado em 1990).

Walter tentou retratar o cotidiano de uma menina brincando com sua boneca de pano, comprada pronta na feira ou confeccionada em casa, pelas mães, pelas avós ou pelas tias. São cenas domésticas que sugerem o voo da menina pelas asas da imaginação. Segundo o artista a imagem representa "vidas onde a simplicidade vestia a alegria da infância nas roças de cacau".

4.4.5 O palhaço e a garotada

Os personagens da tela foram retratados nas imediações do início dos arruados de Itabuna, área ocupada hoje pelas ruas Ruffo Galvão e Benjamim Constant. Àquela época, os palhaços posicionavam-se sobre o animal, montados ao contrário, quando de

Óleo sobre tela de 60 cm x 50 cm (pintado em 1996).

suas caminhadas pelas ruas a fim de chamar a atenção da garotada para o "Tem espetáculo? Tem, sim senhor!" Esta cena, uma forma irreverente de provocar risos, era motivo de muita alegria para as crianças. Walter Moreira assim se expressou, em uma entrevista: "Eu mesmo era uma dessas crianças a rir muito daquela forma marota de montar no jegue. E lá se ia o jeguinho, rua acima, rua abaixo". E completou, citando a o diálogo do palhaço, da meninada e com seu pai:

– Hoje tem espetáculo?...
– Tem, sim sinhô!
– Vai ser muito bom?
– Vai, sim sinhô!

E seguíamos alegres e felizes pelas ruas da nossa querida cidade, porque o palhaço estava chegando para fazer a festa de todos nós. E o pai perguntava:

– Menino danado! Você andou atrás do palhaço sentado de frente para o traseiro do animal? Se andou... vai apanhar!

E eu, sonso, me fazendo de quietinho:

– Não sinhô! O filho de D. Maria da venda é que foi e me disse que hoje o palhaço passou pela praça dando a notícia do circo.
– Hum! ... menino treteiro!...hum....hum...

E eu, sentadinho na sala, parecendo um anjinho!

É, com certeza, Walter tinha muito de anjo: o anjo da pureza que a tudo retratava com os olhos do coração. Só os olhos do coração são capazes de enxergar o belo em sua essência, as minúcias que os olhos físicos não veem. Graças a esse olhar e ao talento usado para a arte, Walter deixou para a região cacaueira o registro das belezas dessa terra.

5. SEM PODER CONCLUIR

A história/geografia de uma cidade aflora em seus monumentos, ruas, calçadas, equipamentos urbanos, praças, jardins. A trajetória de uma cidade está impressa não só em seu concreto, mas na memória de seus habitantes. Uma das formas de tornar visível essa história é através da arte. Foi a partir desse instrumento que foi possível reescrever o modo de vida e a forma de ver os fatos urbanos de Itabuna.

Descobrir o significado dos lugares a partir de imagens de Itabuna saídas da memória de um artista como Walter Moreira foi uma experiência gratificante, por causa da sensibilidade, da ternura e do amor com que deslizou o pincel pelas telas. Em cada uma delas é possível descobrir um tempo que já passou mas, que, ao mesmo tempo, continua no presente sob outras roupagens, o das paisagens que não se cristalizam, apenas se transformam, às vezes em condições de melhorar a vida de seus habitantes, outras nem tanto.

As transformações dos lugares de Itabuna retratados por Walter Moreira, confrontadas com as imagens das fotografias atuais, na maioria das vezes, levou a uma degradação nas condições de vida de sua população. Isto fica evidente no caso das adjacências do ribeirão do Icó, transformado em esgoto a céu

aberto que libera para o ambiente odores fétidos, visual desagradável, ocasionando mal estar e doenças. Assim como ocorre neste local, outros não oferecem melhores condições.

A cidade foi rasgada por ruas, avenidas. Próteses imensas brotaram do chão. As buraras transformaram-se em loteamentos que deram origem a bairros desorganizados e mal servidos pelo poder público, além do descuido de seus moradores com o ambiente em que vivem.

Acredita-se que a população, através do conhecimento da história de seu lugar, tem a possibilidade real de resgatar as origens de seus antepassados, do que se fez até o momento de bom ou de ruim e criar um projeto de futuro que comece no presente e traga melhores condições de vida para todos.

REFERÊNCIAS

ABXZ. **O rio Cachoeira**. In: Tela Poema. Itabuna: dez. de 2005, p. 12.

AGORA Documentos. **Bandeiras e símbolos**. História e significado. Itabuna, 28 de julho a 03 de agosto de 1996, p. 13.

_____. **Comissão vai elaborar estudo sobre símbolo**. Itabuna, 078 de dezembro de 2005, p. 12.

_____. **Comissão esclarece dúvidas sobre a Bandeira de Itabuna**. Itabuna, 21 a 24 de abril de 2006, p. 17.

_____. **Walter Moreira, sinônimo da arte grapiúna**. Edição especial, 28 jul. 2006.

ÁGUAS DO ALMADA. **Homenagem a Walter Moreira**. Ano 1, n. 2, dez. 1999.

AMADO, Jorge. Sou da cidade de Itabuna. In: PÓLVORA, Hélio; PADILHA, Telmo. (Orgs.). **Cacau em prosa e verso**. Edições Antares, s. d, p. 21-22 (a).

AMARAL, Tatiana. A arte minuciosa de Walter Moreira. **Agora**. Itabuna Antiga. Edição especial. 28 jul. 2004, p. 8.

ANDRADE, José Dantas de. **Documentário histórico ilustrado de Itabuna**. Itabuna: Gráfica Editora Itabuna Ltda., 1968.

ANDRADE, Maria Palma. Itabuna: Novo estudo monográfico. 2.ª ed. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1979. p. 127-128.

_____. O município de Itabuna. In: ANDRADE, M. P; ROCHA, L. B. **De Tabocas a Itabuna:** um estudo histórico-geográfico. Ilhéus: Editus, 2005, p. 27-59.

ANDRADE, Maria Palma; ROCHA, Lurdes Bertol et al. **De Tabocas a Itabuna**: um estudo histórico-geográfico. Ilhéus: Editus, 2005.

ANDRADE-BREUST, Adriana Dantas. **Itabuna**: história e estórias. Ilhéus: Editus, 2003.

A REGIÃO. **O rio Cachoeira está morrendo**. Itabuna, 10 jun. 1996, p. 8.

_____. **Inaugurada primeira galeria de arte municipal de Itabuna homenageando Walter Moreira**. Itabuna, 10 jun. 1996, p. 8.

BARROS, José Márcio. Duas ou três questões sobre o olhar. In: CADERNO DO PROFESSOR. **A educação do olhar.** Centro de Referência do Professor Secretaria de Estado da Educação – MG: Ago./2000, n. 6.

BASTOS, José. Itabuna. **O Intransigente**. Ano X, n. 1, 7 de set. 1935, p. 4.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Campos, 1987, p. 63.

CADERNO DO PROFESSOR. **A educação do olhar.** Centro de Referência do Professor. Secretaria de Estado da Educação – MG: Ago./2000, n. 6.

COSTA, José Pereira da. **Terra, suor e sangue**: lembrançaS do passado. História da região cacaueira. Salvador: EGBA, 1995.

DIÁRIO DE ITABUNA. Ano 3, n. 694. Itabuna, 10 de maio de 1960, p. 11.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para a compreensão da arte.** Florianópolis: Insular, 2001.

GONÇALVES FILHO, J. M. **Olhar e memória**. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O** olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 95.

GONÇALVES, O. R. **O Jequitibá de Tabocas**. Itabuna: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial da Bahia, 1960.

JORNA O IINTRANSIGENTE. Ano XIV, n. 1. Itabuna, 7 de setembro de 1939, p. 3.

JORNAL OFICIAL. Município de Itabuna. **Atos do poder executivo**. Ano XXVIII, n. 1444, 14 de maio de 1960.

LAMONNER, Guilherme Vieira. Homenagem a Walter Moreira. **Águas do Almada Cultural**. Ano 1, n. 2, dez. 1999.

MATTOS, Cyro. Lavadeiras. In: **Vinte poemas do rio.** Ilhéus, Editus, 2001, p. 40.

_____. O aguadeiro. In: **Vinte poemas do rio.** Ilhéus, Editus, 2001. p. 38.

_____. Ao rio. In: **Vinte poemas do rio.** Ilhéus, Editus, 2001. p. 50.

MATTOS, Cyro. Rio morto. In: **Vinte poemas do rio.** Ilhéus, Editus, 2001. p. 51.

_____. Boi. In: **Vinte poemas do rio.** Ilhéus, Editus, 2001. p. 73.

MERLEU-PONTY, M. **O olhar e o espírito**. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1969.

OLIVEIRA, Maria Conceição Ramos de. **Relações ambientais da bacia do Rio Cachoeira (Sul da Bahia)**. Ilhéus: Editus, 1997.

PEREIRA FILHO, Carlos. **Terras de Itabuna**. Rio de Janeiro: Elos, 1960.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna**: trajetória, signos e significados. Ilhéus: Editus, 2003.

RODRIGUES, Neidson. A reconciliação do Dionísico e do Apolínico na educação do olhar. In:. **A educação do olhar**. Caderno do Professor. Centro de Referência do Professor - Secretaria de Estado da Educação – MG. Ago./2000, n. 6, p. 17-24.

SILVEIRA, Adelindo Kfoury. **Itabuna, minha terra!** 2. ed. Itabuna: Gráfica Santa Helena, 2002.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Expressões poéticas de Valdelice Pinheiro**. Ilhéus: Editus, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia. Um estudo da percepção e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TURRAZI, Maria Inez. **Imagem da cidade colonial nas imagens do século XIX.** In: Acervo: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1993. Vol. 6, nº. 1 e 2.

WENDERS, Wim. **A paisagem urbana.** In: Revista do patrimônio Histórico e Artístico.

Este livro é o resultado de um projeto de pesquisa da professora Lurdes Bertol Rocha, vinculado ao núcleo do Laboratório de Ensino em História e Geografia (LAHIGE)/UESC, que tem como uma de suas linhas de ação a produção de material didático sobre temas regionais. A elaboração do livro teve participação importante de Elisabete Moreira, filha de Walter Moreira, sem a qual seria impossível o acesso ao acervo do artista, tais como telas, desenhos, documentos, fotos, escritos, enfim, entender a vida e obra de quem realmente viveu a cidade e a colocou em tela.

O livro pretende oferecer aos estudantes do ensino fundamental e médio e à população em geral, a oportunidade de redescobrir Itabuna, mergulhar no seu passado para compreender seu processo de construção, sua economia, sua cultura, seu caminhar em direção a um futuro de prosperidade material, espiritual, intelectual. Compreender que recebemos uma cidade já construída, porém não pronta. Formar a consciência de que, cada ator social, no seu fazer cotidiano, é responsável por melhores momentos, mas, também, pelos piores.

ISBN 978-85-7455-201-9

9 788574 552019